



## **CRÔNICAS DA MEIA NOITE.**

*Chefe Osvaldo.*



**“Juvenal”.**

**Era bom ser da turma. Foi bem recebido e mesmo olhado como um principiante ele sabia que um dia seria como todos eles. Disseram que era o sexto Escoteiro, o penúltimo da fila na frente do Submonitor. Não entendia porque o segundo mandante da patrulha era o último. Disseram que depois da Promessa teria um cargo importante. Sabia que iria demorar ser um monitor ou sub. Almoxeiro ele tinha que aprender muito. Cozinheiro nem pensar. Quem sabe bombeiro ou lenhador. Construtor de Pioneiras nem sabia o que era. Socorrista também não. Se aprendesse poderia ser um escriba. Ele escrevia bem e tirou dez várias vezes em redação. Quando soube que ia haver um acampamento vibrou. Já tinha ouvido falar. Campo de patrulha como sua casa, comida mateira, pioneirias, jogos que duravam o dia inteiro. Ficou sabendo do Fogo de Conselho. Sonhava com ele dia e noite.**

**Pediu ao monitor para fazer o Pórtico da Patrulha. O Monitor educado disse que sim. Seu Chefe tinha dito que deveria dar liberdade só assim eles aprenderiam a fazer fazendo. Foi à biblioteca, pesquisou na internet, desenhou, aprendeu com dois pedaços de eucaliptos a amarra Quadrada, a Diagonal, a paralela e a Tripé. Juntou vários gravetos e aprendeu dois tipos de costura de arremate. Um Escoteiro antigo de outra patrulha lhe disse para levar uma luva. Ela seria primordial para acochar e dar o nó final se não os calos iriam aparecer. “Melhor duas, pois irá usar a pá, e se a patrulha tivesse uma picareta dobrável precisaria de mesmo de duas luvas”. Custava caro, mas ele comprou. Iria usar também um Sacho duas pontas, mas achou que só tinham uma cavadeira articulada. Tudo bem, melhor que nada.**

**Planos a pleno vapor. Desenhou. Procurou seu tio engenheiro. Fizeram juntos vários croquis de como seria. No dia do acampamento seu pai lhe disse que a família ia para a Fazenda do seu Avó em Xapuri. Ele lembrou quando lá esteve na ultima vez. Das viagens de barco no Rio Acre, dos grandes felinos que via na foz do rio Grande, das onças, dos lobos, da Águia que morava na Serra do Roncador. Não se esqueceu da lua cheia que parecia cair no terreiro da casa sede da fazenda. Lembrou-se dos Búfalos que seu Avô criava. Lembrou-se do Apaiai e do Cachara que pescou com Seu Leonel o Administrador da fazenda. Lembrou-se do Cavalo Andarilho seu amigo por todo o tempo que esteve lá. Da busca da Jiboia uma cobra gigante que ele viu na Margem do Rio Acurauá e pensou. O que fazer? Aonde ir? No Acampamento ou voltar na Fazenda do meu Avô? Ah! Juvenal. Difícil escolher. Eu mesmo não saberia aconselhar. Alguém pode ajudar o Juvenal?**



**“Joel”.**

**Era sábado. Ele gostava de ficar na janela vendo Silvio em sua varanda sorrindo. Um belo sorriso por sinal. Pensava no sonho que tivera, ele também um dia poderia ter sido Escoteiro, mas foi só um sonho. Nunca foi. Nos seus sonhos sempre passeava em uma vale florido, com perfumes de jasmim, um céu azul e nuvens escritas: - Seja sempre feliz! Era bom demais ficar ali onde uma paz silenciosa lhe dava uma gostosa proteção de vida. Sentava na relva, sentia a brisa fresca que soprava em seu rosto, via ao longe um Arco Iris lindo e pensou se lá no seu final tinha um pote de ouro. Silvio era seu vizinho, novo, casado com um filho de sete anos. Não sabia se era inveja ou culpa por sentir a felicidade dos outros também o fazer feliz. Sua semana não tinha sido boa, muitos problemas. Ele já tinha conversado com Silvio, sua alegria, seu modo de vida e o amor aos escoteiros. Maior ainda por saber que Maria e seu filho José também eram como ele.**

**Na janela ele imaginava Silvio e a família se preparando para partir rumo a sua felicidade. A sede escoteira não era longe. Silvio afirmou que se ele era feliz fazia questão que os outros também o fossem. Toda vez que saíam na porta de sua casa se abraçavam e oravam. Era um pai e esposo amoroso. Dizia sempre para todos ouvirem: - Amo vocês, sem vocês não sou nada. Ele ouvia sempre Silvio e família cantar o Rataplã. Aprendeu também. Uma e vinte saíram cantando e uniformizados. Sempre iam a pé e os vizinhos chegavam à janela para cumprimentar. Admirava seu porte, seus uniformes, seu orgulho em se mostrar como escoteiros. Joel sentiu uma pequena lágrima correr em sua face. Porque ele não tinha conseguido ser assim? Um dia acompanhou Silvio de longe com extrema dificuldade. Viu-o chegar abraçar e cumprimentar a todos. Do menor ao maior. Ouviu-o dizer baixinho a cada um: - Obrigada por ser meu amigo, você é muito importante para mim e para o Grupo Escoteiro.**

**Chorou quando eles viraram a esquina. Chorou quando entrou e foi para o seu quarto. Resolveu seguir a rotina. Vestiu seu uniforme agora apertado que nunca usou como Escoteiro. Colocou seu lenço, seu chapéu. Olhou no espelho e viu que estava bem uniformizado. Sentou em sua cama, deixou sua mente passear de novo pelo seu sonho do vale florido. Tirou o uniforme, sabia que em poucos minutos Anastácia a enfermeira ia chegar. Em sua cadeira de rodas foi para a sala. Ela entrou cumprimentou. Ah! Deus. Eu sei que mereço fui eu que escolhi, mas me perdoe, tenho uma vontade enorme de poder seguir com o Silvio e não posso. A enfermeira não sorriu. Ela nunca sorria. Duas injeções e varias massagens em seu coração para aliviar a dor. Sabia do seu fim, o doutor não escondeu. Sorria, pois aprendeu a sorrir pensando que lá em cima bem além das estrelas alguém esperava por ele. Quem sabe lá ele poderia ser um Escoteiro?**

**“Faça a dieta da alegria: um sorriso a cada manhã e um agradecimento ao final do dia” e seja feliz.**



**“Nicodemos”.**

**Escolheu ir pela Rua do Ouvidor. Poderia ter ido pela Alameda dos Bonfins. Suas escolhas não tinham uma explicação lógica. Apenas um menino a perambular pela Rua indo em uma direção já escolhida. No quarteirão do Colégio Santo Antonio parou. Viu o enorme portão de ferro aberto. Foi até lá. Viu uns quinze meninos em circulo hasteando uma bandeira. Achou interessante. Entrou e se aproximou. Achou bonito a bandeira subir, pois ventava e ela se abria totalmente. Viu Conrado amigo de escola na frente de dois meninos. Ele segurava um bastão com uma bandeira com desenho de um bicho. Os dois professores que comandavam fizeram uma brincadeira que ele não entendeu bem. Afinal tinha meninos menores e maiores. Claro que os maiores iriam ganhar.**

**No final da brincadeira eles ficaram em pé e o professor deu uma aula que ele não sabia de que era. Quem sabe era matemática, pois ninguém gostava desta matéria e todos quase dormiam sem ouvir. Saiu pelo portão como entrou. Seguiu pela Rua do Ouvidor até o Escadão das Flores. Ele sabia que seus amigos estavam lá. Gostava de ir, um bom papo conversas proibidas ele ria a beça quando um dizia ter**



beijado a namorada. Olhou no relógio. Esqueceu que fora roubado por um moleques do Alto do Boi Bravo. Levaram também seu tênis que não era novo. Esqueceu completamente os meninos que dormiam na aula de matemática. Pensou em seus sábados a papear no Escadão do Boi Bravo com seus amigos. Sentia-se bem ali. Suspirou fundo, todos estavam lá. Sorriu e pensou que era feliz!



**Mozart**

**Um acampamento longe demais.**

O mundo caiu aos seus pés. Um sonho de meses sumindo e ele sem saber o que fazer. Um acampamento esperado, programado, preparado nos seus mínimos detalhes. Dormia pensando e acordava com o que seria o seu acampamento dos sonhos. – Dona Olga deu seu veredito. Destruiu tudo, pisou em seu coração sem nenhuma piedade. – Faremos a recuperação quarta feira pela manhã. Quem falta já sabe, vai repetir o ano! – Deus meu! Porque não estudei? Porque achei que os escoteiros me dariam saber e eu tiraria notas boas? Mas ele sabia que os escoteiros não tinham culpa. A culpa era dele. Seu pai sabia, disse que se ele repetisse seria castigado. Nada de escoteiro, nada de internet, nada de nada. Não tinha saída, a patrulha se preparou para sair na quarta às seis da manhã. Jornada longa, onze quilômetros. Desmarcar? Ele sabia que Tomé o monitor não iria aceitar.

- Diremos ao seu pai que iremos a tarde, mas não será verdade. Você Mozart pode seguir e nos achar facilmente nas planícies do Vale da Lontra. Não é difícil, faremos um mapa, um croqui e se sair às duas as seis vai chegar! – Mozart pensou. Uma mentira? Nunca mentiu, mas a vontade de estar com eles era tanta que aceitou. O pior, era novato, não entendia de mapas, croquis bussola nada. Partiu a tarde como se

acreditasse que o vento seria sua bússola. Pegou a estrada do Vale conforme tinham explicado. Uma estradinha de terra onde nem carro passava. Cinco quilômetros e ela terminou. - E agora? A explicação é que seu final seria em uma porteira e uma bifurcação apareceria. Nela devia entrar. Mas cadê a porteira? - Mozart estava com medo. Muito medo. A estrada acabou agora só uma trilha. Mais uma hora e o sol iria se por. Não sabia o que fazer a não ser seguir em frente. A trilha foi diminuindo até que chegou a uma floresta escura. Mozart parou sem saber aonde ir.

Nos seus onze anos começou a chorar. Menino medroso, sem experiência não sabia o que fazer. A noite foi chegando e ele tremendo de medo. Acendeu um foguinho com o isqueiro que pegou de seu pai. Nem o calor nem a chama lhe deram ânimo para tomar uma decisão. A Floresta falava, ouvia gritos distantes, rosnados e sons que ele não tinha nenhuma condição de explicar. O medo era tanto que dormiu abraçado a sua mochila. Um barulho, sorrisos, alguém gritou: - Vamos lá Mozart, é hora de partir. Acordou com o sol da manhã e viu a patrulha rindo a sua volta, o fogo apagado, uma noite mal dormida, mas salvo pelo gongo. Foi um belo acampamento. Cinco dias inesquecíveis. Tomé contou na conversa ao pé do fogo que alguma coisa tinha acontecido. Voltaram pela manhã e o acharam na “boca” da Mata. Mozart quando chegou em casa contou para seu pai. Prometeu nunca mais mentir. Seu pai nada disse só escreveu em um pedaço de papel: - A lição muitas vezes vem tarde demais. Aprender a fazer fazendo é uma arte, mas não abuse da sorte!



**Silvio.**  
**O que importa é a boa ação.**

A campanha tocou e Silvinho sorriu. Passou toda a aula da professora Doralice a sonhar com a bela mochila e o cantil que vira ontem nas lojas Abil. Não era e nunca foi um mau aluno. Chefe Marcio sempre o parabenizava quando mostrava seu boletim. Isto dava pontos Patrulha. Os Morcegos eram amigos de fato. Eram irmãos de sangue como dizia seu monitor. Saiu apressado da escola em direção as Lojas Abil. Entrou sem

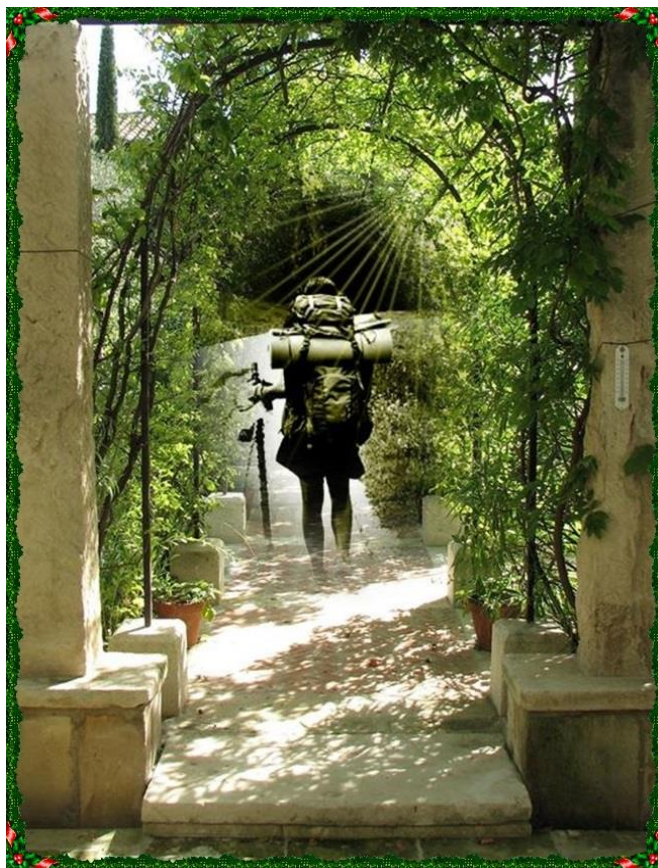
correr. Não queria que pensassem que era um moleque qualquer. Não era. Era um Escoteiro, e dos bons. Foi até a vitrine onde expunham os materiais de camping. Viu a mochila verde acolchoada pendurada. Viu também o cantil de capa azul. Ainda não tinham vendido. Já tinha visto o preço. A mochila Cento e quarenta e o cantil sessenta. Um dia iria comprar os dois. Seus pais eram pobres muito pobres. Uma pequena Sapataria e muito fiado. Ele se orgulhava do pai. Era seu herói. Não demorou muito na loja. Saiu assoviando. Gostava de assoviar. “Vem depressa correndo Escoteiro, ajudar o cozinheiro a fazer o jantar!”. Gostava dessa canção.

Desceu a Rua dos Caracóis e viu debaixo de um banco de rua uma carteira. Viu que estava recheada. Mais de mil reais. Uma fortuna. Daria para a mochila o cantil e muito mais. Não lhe passou pela cabeça ficar com o dinheiro. Já pensou uma parte para sua mãe fazer a feira? Ela iria sorrir como nunca. Era um Escoteiro e sabia que nunca faria isto. Lealdade não se impõe se aceita, caráter também ensinou o Chefe Marcio. Procurou seu pai. Explicou. Ambos olharam os documentos. Dr. Mario Marcelo, dentista. Morava no Bairro Palmeiras, Rua do Lavrador 115. Seu pai só tinha o dinheiro de ida para o ônibus, na volta só a pé. Vamos lá, os tostões que tenho para a carne fica para outro dia. Amava seu pai. Sempre o abraçando e sempre cantavam a mesma canção da Vovó: - A montanha feliz!

Silvinho foi de uniforme. Só pensava na sua boa ação. Orgulhava-se de vestir seu uniforme. Bateram a porta. Uma moça atendeu. – Poderia falar com o Doutor Mario? – Ele está ocupado respondeu ela de cara amarrada. Podem falar comigo. Preferimos que seja ele. Ela nem respondeu e fechou a porta. Os dois ficaram ali esperando e sentaram no meio fio da rua. Uma hora depois ele gritou na porta bruscamente do seu consultório – O que querem comigo? Estou muito ocupado! – Silvinho se aproximou – Doutor desculpe. Achei sua carteira e vim devolver. Por favor, meu pai insistia. Verifique se não está faltando nada! – O doutor olhou, e falou. Tudo bem não falta nada. Agora me deixem em paz, estou ocupado com dois clientes me esperando. E fechou a porta na cara dos dois.

Silvinho olhou para seu pai e perguntou? Está certo assim pai? Claro filho. Fez o que devia fazer. Se ele não reconheceu não importa. Importa seu ato de grandeza de dignidade. Eu tenho o maior orgulho de você e olhe, prometo que um dia vou lhe dar aquela mochila e o cantil. Quem sabe ganho um dinheiro a mais? E foram os dois cantando pela rua afora, sem ao menos guardar rancor do doutor Mario. Silvinho sentia-se feliz. Ia contar a boa ação para seu Chefe. Sabia que ele iria gostar. Não iria vangloriar e nem contar que o doutor fora mal educado. Ele sabia que o importante foi o que fez. O que os outros fazem deixe para Deus resolver lhe disse seu pai.

“Acende o fogo, põe a panela, e dentro dela, o feijão cozinhar!”



### **Olhos Negros.**

Lágrimas caíam aos borbotões. Zeus sentia um nó na garganta. Como ajudar? Chefe minha vida acabou. Zeus não sabia o que dizer. Qual o papel do Chefe? Aconselhar? Mostrar o caminho? Difícil demais para formar jovens para a vida. Ele sabia que palavras bonitas se tornam descartáveis perto de atitudes estúpidas. – Quem foi em um curso que lhe disse que na dificuldade se conhecem os verdadeiros escoteiros? Zeus pensou novamente – Se você acredita que é capaz, ignore a opinião dos outros e siga em frente. Nem sempre é bom saber a opinião dos outros. Mas ele era um Chefe, um educador, alguém que os meninos confiavam. – Olhos Negros chorando disse: Quatro meses suspenso dos escoteiros. Meu pai é mau, não sabe o amor que tenho pelos escoteiros e faltar no Acampamento Anual? Zeus não disse nada. Não havia o que dizer. Pai é pai. Olhos Negros errou. Péssimas notas escolares. Afinal cumpriu a lei?

A pior ambição do ser humano é desejar colher os frutos daquilo que nunca plantou. Ele comprou sua trilha com sinal de evitar. Zeus sabia que se ele não mudasse hoje, todos os amanhãs serão iguais a ontem. – Olhou profundamente nos olhos lacrimosos de Olhos Negros. – O que acha que posso fazer? Pensou em recomendar? Todo amanhecer o sol aparece e nunca desistiu. Você não é derrotado quando perde. Você é derrotado quando desiste. – Começar de novo? Disse Olhos Negros. – Sim, algumas vezes coisas ruins acontecem em nossas vidas para nos colocar na direção das melhores coisas que poderíamos viver. – Devo estudar? Mostrar ao meu pai que notas altas é sinal de saber? – Zeus olhou para Olhos Negros. – Meu jovem, a vida é sua e não de seu pai. Um dia você será como ele e um filho a cuidar. Hoje deixe para trás o que não te leva pra frente.



**Outros acampamentos virão. Lembre-se a vida é feita de escolhas. Quando você dá um passo à frente seu passado fica para trás.**

**Zeus sabia que não tinha as respostas na mão. Era sua função ajudar e não substituir os verdadeiros responsáveis por Olhos Negros. As palavras surgiram naquela tarde modorrenta quando a reunião terminou. Ele sabia que a verdade dói, mas não mata. A mentira agrada, mas não cura. – Olhos Negros, não tenha medo de chorar. Quando você chora, três coisas são limpas: - Os olhos, o coração e a alma. Recomece, dê uma nova chance a si mesmo. Mostre que é capaz. Renove as esperanças na vida e o mais importante – Acredite em você de novo!**



**Lomanto.**

**- Eu me lembro até hoje de como foi difícil para “tirar” as provas de Noviço. Não é esta “moleza” que temos hoje. (risos) (só por dizer, sei que ainda é muito difícil). Todo o dia olhava meu uniforme com carinho. Sabia que só poderia usá-lo desse dia em diante. Estava perfeito no guarda roupa. Engomado. O cinto já havia recebido várias “graxas” para “amaciar” o couro e fazê-lo durar mais. O metal brilhava, pois eu não economizava na pasta de dente (usada naquela época para manter o metal e seu brilho). Aguardava com ansiedade o dia da minha Promessa. Sonhava. No colégio muitas vezes minha mente estava voltada para o dia que estaria fazendo meu juramento. Já sabia ele de cor e salteado e tinha até treinado em frente ao espelho. Treinei a “pose” que iria fazer. O sorriso que iria dar. Só quem passou pôr isso sabe o valor da Promessa.**

**- Entendia perfeitamente o seu significado - Era sempre assunto no “Conselho de Patrulha”. A Corte de Honra tinha aprovado e o próprio chefe conversou diversas vezes comigo a respeito. Dizia a mim mesmo que iria cumprir a lei e a promessa para sempre. Lembro até que um dia disse para mim - Escoteiro hoje você vai cumprir os 10 artigos da lei! Caramba! Como foi difícil. Meu lenço toda hora ficava com o nó na ponta. Só desfazia quando a boa ação era feita. E minha moeda da Boa Ação? De bolso em bolso. Nunca a perdi. Nunca.**

**Quando chegou o dia foi o mais feliz em minha vida. Aquele uniforme tinha um valor tremendo. Lutei pôr isto. Mereci usá-lo. O chefe me olhando e dizendo – Ei você**

**escoteiro! Conhece os artigos da lei? Sim chefe, e falava um por um. Acha que está preparado para fazer esse juramento? Sim chefe. Estou. Então faça a meia saudação e diga a Promessa! Prometo, pela minha honra, cumprir meu dever para com Deus e minha Pátria. Ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião e obedecer à lei do Escoteiro! Naquela época não se dizia ainda fazer o melhor possível.**

**Todos vieram me abraçar. Meu monitor disse-me que estava orgulhoso de mim. Eu sorria, mas queria chorar de alegria. Quando fui para casa, demorei o triplo do tempo que percorria o trecho até minha casa. Por quê? Para dar uma volta em vários quarteirões. Para que todos me vissem de uniforme. Risos. Que orgulho amigo, que orgulho! Sabia que daí para frente não haveria desafios para mim. Que eles viessem, que a segunda e a primeira classe me esperassem. Como era bom ser escoteiro. Como era bom viver aquele momento. Obrigado meu Deus!**

**Nunca mais esqueci aquele dia.**



**“Madalena”.**

**Mamãe! Eu nunca deveria ter nascido! Não posso ser escoteira? – Ouvir sua filha dizer isto machucava, era como se ela cravasse uma faca em seu coração. Como mudar isto? Ela não conseguia lutar contra as opiniões e os valores desta sociedade tão cheia de conceitos, preconceitos, crenças e valores que eram tabus em pleno século 21. Separar? Deixar o amor que ela tinha por Verônica? Seus pensamentos voaram ao passado. Amigas no trabalho, nunca sentiram nada por outra mulher e sem perceber o sentimento nascia aos poucos. Difícil explicar a quem não entende ou não passou por isto. Afinal amor entre duas pessoas do mesmo sexo não era tolerado na sociedade local de Monte Verde. Mas elas resolveram assumir. Esconder? Quando se ama de verdade não existem barreiras. Veronica era negra e Madalena Branca. Pior ainda. Prometeram viver suas vidas sem se preocupar com o que os outros iriam dizer. Madalena nunca esqueceu o primeiro beijo e o demorado primeiro abraço.**

**As famílias de ambas as abandonaram. Madalena tinha uma filha do seu casamento com João que a deixou para viver com outra. Ambas adotaram Ruth como um objetivo para vencer todos os obstáculos. Na escola foi difícil. Elas foram várias vezes conversar com a diretora. Ruth era humilhada constantemente por suas colegas. Tudo piorou quando Ruth pediu para entrar nos escoteiros. Quem sabe lá eles eram**

mais liberais? – Sinto muito senhora. Não podemos aceitar. O que direi para nosso Presidente do Grupo? Como explicar isto as mães que trabalham nas sessões? E os pais? Isto foi demais. Afinal se duas pessoas se amam e não podem viver este amor quem pode impedir que ele fosse realizado? Ruth chorou dias e dias. Ela sofria com as admoestações na rua e até mesmo quando foi confessar o Vigário a repreendeu. Afinal era uma menina de nove anos e o Vigário nunca teria este direito.

O Chefe Lobato se revoltou. Não podemos ser assim dizia a todos os chefes. Direitos de uns e não de todos? Que escotismo é o nosso? Somos uma fraternidade ou tentamos enganar a dizer que somos? Exigiu um Conselho de Chefes. Poucos compareceram. Era melhor fingir de morto do que dar uma opinião. Lobato ameaçou ir à imprensa. Daria seu testemunho à rádio local. O Comissário do distrito tentou dissuadi-lo. Um ofício da Região o mandou obedecer e não discutir, pois se não seria exonerado. Um absurdo. Ele não se deu por vencido. Foi à casa de Madalena e conversou com ambas. Estou saindo do Grupo, vou organizar outro. Conto com vocês para me ajudarem. Assim foi feito, mandou o registro para a Direção Nacional. Aprovaram, pois não sabiam da história.

O tempo é o senhor da razão. Os pais e a sociedade de Monte Verde a principio não aceitou. Depois aprovaram com ressalvas. Admiraram a coragem daquelas duas mulheres que enfrentaram de frente sem esconder o melhor caminho para ser feliz. O grupo vai bem. Ruth hoje é Lis de Ouro. Madalena que tinha perdido o emprego foi chamada de volta. O antigo Grupo Escoteiro se arrependeu. Hoje vivem em perfeita harmonia. Foi então que algum extraordinário aconteceu. O Chefe Lobato apresentou Diógenes com quem vivia há muitos anos. O Doutor Laercio Juiz de Direto amava outro homem e nunca mais escondeu o amor que sentiam um pelo outro. São histórias e histórias podem ser verdadeiras ou não. Mas julgar alguém não é tarefa fácil. Como dizia o poeta julgar os erros dos outros é fácil. Difícil é corrigir os seus!

Amor, vida, paixão, carinho, prazer, preocupação, bem querer, alegria, compreensão, amizade, gratidão, companheirismo, solidão, felicidade, sintonia, energia, afeição, química, sentimento... Duas almas ligadas por um só objetivo... Ser feliz! Uma história para pessoas maduras e sem preconceito.



## **“Vania”**

- Mamãe! Eu posso ser Lobinha? Vania sorriu. Precisava se informar. A internet tinha tudo que precisava. Parecia um bom lugar para sua filha se enturmar, pois era muito sozinha. Depois do divórcio Tomaz foi para a Europa. Trabalhava e criava a filha, pois ela era o que tinha de mais importante em sua vida. Viu que havia uma unidade escoteira bem próxima ao seu bairro. Era de Classe Media Alta. Melhor assim, pois sempre deu o melhor para sua filha. Viu que os lobinhos viviam na mística do livro da Selva de Rudyard Kipling. Conhecia seu poema famoso: - “Se és capaz de manter tua calma, quando, todo mundo ao redor já a perdeu e te culpa, de crer em ti quando estão todos duvidando, e para esses, no entanto, achar uma desculpa”. Amava este poema. Se ele escreveu o livro que originou os lobos ela deu seu voto de confiança. Ligou para eles. - Quinze horas de sábado senhora e poderemos atendê-la. Chegou no horário. No portão um segurança. Bom isto. Tinham responsabilidade com as crianças.

- Um jovem rapaz a atendeu. Era o Profissional do Grupo Escoteiro. Explicou tudo, mensalidade, taxas e normas. Explicou dos acantonamentos, dos passeios e finalmente deu um belo sorriso dizendo: - Temos uma vaga na Alcatéia três. - Temos uma cantina. Inicialmente pode comprar a camiseta e o boné. Mais tarde daremos o telefone e o site da cantina nacional. Lá poderá comprar a vestimenta dos lobos. - E o pagamento? - Ele sorriu novamente. Por cartão de crédito ou depósito em conta. Não trabalhamos com boletos ou pagamentos na sede. Entregou a ela um pequeno manual sobre os direitos e deveres dos pais. No primeiro dia sua filha sorria, adorava, ela ficou junto a outras mães e pais em área própria. Não podia aproximar para não atrapalhar. Na terceira reunião se ambientou mais. Não gostou das fofocas. As mães contando sobre os namoros dos chefes, do Chefe mais bonito, e até coisas íntimas que ela não tinha costume em discutir com estranhos.

Resolveu tirar sua filha de lá. Teve que pagar uma pequena multa. Encontrou outra unidade escoteira mais próxima de sua casa. Dava para ir a pé. Grupo pequeno, quatro ou cinco chefes. Deram-lhe um belo sorriso. Todos fizeram questão de se apresentar. - E as mensalidades e taxas? - Falaremos disto depois. Temos um mínimo e um máximo. A Senhora vai escolher qual faixa entrar. - E o pagamento? - Aqui mesmo. No dia que escolher! - No final da reunião do primeiro dia uma jovem Chefe alegre e simpática lhe fez um convite: - Hoje é sábado e sempre nos reunimos em casa de alguém para conversar, dançar, trocar ideias e falar infelizmente sobre escotismo. E deu uma bela gargalhada. Aceita participar conosco? - Porque não? Iria para casa e ficar por conta de sua filha. Vania encantou com tudo. Encontrou no novo ambiente e nos amigos que fez uma sinceridade real. Quem sabe um dia seria um deles também?

Não existe grandeza onde não há simplicidade, bondade, e verdade.





**Donato.**

A noite chegou cobrindo com seu manto todos os campos de patrulha. Vi na trilha da chefia um Escoteiro que sempre me pareceu um sonhador. Chegou me saudou e disse: - Chefe, o que posso fazer para melhorar meu espírito Escoteiro? – Meu jovem, lembre-se do artigo da lei, Alegria e sorrir nas dificuldades. – Só isto Chefe? Bem eu costumo dizer que ser feliz não é viver apenas momentos de alegria. É ter coragem de enfrentar os momentos de tristeza e sabedoria para transformar os problemas em aprendizado. – Ele olhou para mim franzindo o cenho. – Sorri e disse: - Meu jovem Escoteiro, a vida é feita de escolhas. Quando você dá um passo à frente, alguma coisa fica para trás... – Não entendi Chefe! – simples, a dor faz você mais forte, o medo faz você mais corajoso e a paciência faz você mais sábio, portanto Escoteiro sorria mais e reclame menos! E ele voltou pensativo para sua barraca...

**Ah! Chefe Escoteiro, fácil ser um?**



**Rosa Maria.**

**Um anjo caiu do céu.**

As estrelas brilharam como nunca quando ela nasceu. Em Espera Feliz as pessoas correram às ruas para ver um enorme clarão no céu. Na maternidade ela sorria. Piscou seus olhos grandes e negros para seu pai e sua mãe no segundo dia de vida. Uma semana depois uma revoada de pássaros se fez presente todas as tardes no pé de figueira no quintal de seu lar. Uma arara verde e amarela passou a morar em sua janela a tagarelar enquanto ela viveu. Dizia que um anjo caiu do céu. O Padre Rosaldo

teve uma visão. Lembrou-se do poeta que disse: - A esperança não murcha, ela não cansa, também como ela não sucumbe à crença. Vão-se os sonhos nas asas da descrença, voltam os sonhos nas asas da esperança. Rosa Maria se tornou uma santa que não era e nunca quis ser. Suas forças eram um nada e quase não podia andar. Ela tinha o mais lindo sorriso e dizia que sabia amar a todos sem esperar nada em troca.

Quando ela completou sete primaveras, o Grupo Escoteiro Estrela Verde foi fundado. Rosa Maria se inscreveu. Sua mãe não foi contra só preveniu os chefes sobre sua debilidade. Na primeira excursão seu Chefe tentou dissuadi-la para não ir. Seriam vários quilômetros a pé. Ela insistiu e foi. Estranho que ela parecia flutuar no ar, cantava canções Escoteiras e sorria como uma criança feliz. Os escoteiros amavam Rosa Maria. Na sua promessa um lindo casal de Tuiuiú, enormes, pousou no mastro da bandeira. Não era comum. Principalmente naquela região. Quando ela recebeu o distintivo, eles fizeram uma revoada e pousaram em seu ombro. Deste dia em diante uma série de estranhos acontecimentos começaram a acontecer em Espera Feliz.

A filha de Dona Matilde com quatro anos estava entre a vida e a morte. Rosa Maria viu varias pessoas na porta. Entrou. Colocou sua mãozinha na dela e a beijou. A menina sorriu e sentou na cama. As duas começaram a cantar e brincar de roda. A cidade ficou sabendo. Sempre alguém querendo milagres de Rosa Maria. Espera Feliz sofria uma enorme seca. O gado nas fazendas morria de sede. Os rios estavam secando. Muitos abandonavam a cidade em busca de sonhos que ali não se realizaram. Pela manhã viram Rosa Maria, uniformizada, em pé e em cima de um banco da praça, mãos abertas, olhando para o céu. Nuvens negras apareceram. Uma chuva fina começou a cair. Os rios voltaram. Os pastos ficaram verdes. A cidade voltou a viver novamente.

O Padre Rosaldo escreveu para o Bispo. Anjo ou Demônio? Dizia para si que Amigos são anjos que não só nos ensinam a voar como também nos mostram a hora de pousar na realidade. Um padre de Roma chegou à cidade. Um pouco tarde. Uma tosse frenética tomou conta de Rosa Maria. Disseram que ela estava com leucemia. Ficou entre a vida e a morte por três meses. Um dia pediu sua mãe que lhe trouxessem seu uniforme. Com dificuldade o vestiu. Contra os desejos dos médicos foi à reunião. Deixaram. Seria sua ultima vontade. Na sede foi recebida com abraços e beijos. Ela pediu para falar no cerimonial de Bandeira. Não falou muito. Disse que ia para o céu. Disse que lá é lindo, muitos anjos são escoteiros e escoteiras. Eles acampam nas estrelas distantes. Fazem jornadas na Grande Nuvem de Magalhaes, dormem na Via Láctea e adoram passear em Andrômeda.

Todos estavam em silencio. Ela tossiu um pouco e continuou. – Deus um dia muito ocupado resolveu criar anjos pra auxiliá-lo. Esses anjos chamam-se amigos. Vocês são meus amigos. Eu confio que vocês escoteiros e escoteiras cumpram sua missão. Ajudem uns aos outros. Não chorem por mim, vocês são meus amigos e amigos são como anjos sem asas que não choram. Mas que com um único sorriso nos proporcionam tamanha alegria que nos levam até o céu. Eu vou embora e não quero que chorem. Devem sorrir e cantar canções alegres quando eu me for. As tristes machucam. Rosa Maria morreu numa tarde de dezembro. Dizem que foi no dia vinte e cinco de dezembro. Morreu sorrindo. Na Necrópole todos estavam lá. Os escoteiros e escoteiras

foram dar seu último adeus. Não choravam a não pequenas gotas de lágrimas que insistiam e correr pela face e cair na terra abençoada.

Cantaram varias canções. Todas alegres como ela queria. Eles lembraram-se de suas últimas palavras no Grupo Escoteiro: - Quando alguém nos vê chorar é como se despencássemos de uma alta nuvem. Vocês são meus amigos. São anjos. Foram escolhidos por Deus. Devemos nos alegrar, consolar e compartilhar os momentos que criamos para nós mesmos. Amo todos vocês! Naquela noite milhares de cometas passavam brilhando no espaço sideral sobre a cidade deixando um rastro colorido com cores azuis, brancas, amarelas, alaranjadas e vermelhas. Foi à noite mais linda de Espera Feliz onde as estrelas superaram toda sua existência. Uma nova estrela nasceu bem no centro do universo. Brilhante, um brilho que ofuscava a lua quando aparecia. Ficou lá, no céu de Espera Feliz para sempre!

"Imagine um campo florido, uma cachoeira de água cristalina, o esplendor do verde de uma floresta e ponha-se a ouvir uma música calma e suave. Faça uma viagem interior e harmonize-se para a vida."



**“Vitória”.**

Você me pediu que não saísse sozinha. Mas eu tinha de ir. Era sábado e você sabe que eu vou lá faça chuva ou faça sol. Sei que és minha neta querida, que deixou seu lar para morar comigo dizendo que iria tomar conta de mim. Foi uma felicidade ter você ao meu lado, e vendo você sempre contente ao chegar do trabalho e me abraçar. Você me dizia que não eu não era mais criança. Afinal cheguei aos oitenta anos tempo demais para viver. Deixei o celular na mesa. Seu recado estava lá. Parti para minha excursão na Praça das Recordações. Gostava de ficar lá. Sentada naquele banco azul, eu sabia que eles logo iriam chegar. Nunca me apresentei a eles como escoteira. Foi um belo tempo, mas meu sonho acabou. Ainda amo e faço dele minha filosofia de vida. Adorava ver os lobos saltitantes a sorrirem e gritarem alto Melhor Possível Akelá.

Nunca me senti sozinha ali na praça. Os lobos me faziam rejuvenescer. Somente um dia um chegou perto de mim, olhou, piscou seus olhinhos sorriu e saiu correndo a contar para a matilha que viu uma velha no banco da praça. Eu sorria e chorava. Meu coração sangrava ao lembrar. Fui importante um dia. Tinha fama, respeitada, tacos pendurados, todos fazendo saudação. Diziam-me que breve teria o Tapir, e eu sorria de emoção. Foram tantas comendas que orgulhosamente usava na minha farda querida. Não o culpo quem sabe a culpada foi eu. Achei que o amava e ele também. Eu solteira e ele casado. Vivíamos apaixonados escondidos por aí. Um dia alguém nos viu, a cidade comentou o escotismo não me perdoou. Disseram que eu o seduzi que era prepotente, imaginosa, metida a bondosa, mas com coração de pedra. Lembranças que machucam lembranças que não quero lembrar, mas não desaparecem da minha mente.

Na matriz as seis badaladas diziam que devia voltar. Minha neta vai chegar e eu preciso de um abraço. Era sempre assim. Meu coração sangrava das lembranças que devia tentar esquecer. Chorava baixinho, precisava de um abraço, meu Deus que vontade de abraçar alguém! Sei que vou chorar a noite toda, eu sei que fui culpada, que mereci a exoneração. Mas Deus, quantas saudades, que vontade de voltar no tempo e tudo poder mudar. Eu sei que em um instante tudo muda. O passado nos leva ao desconhecido. Não existe mais futuro. Não se pode recusar e voltar aos velhos hábitos. Mas eu me contentava em dizer para mim, que não devia me prender ao passado, pois assim o futuro poderia nunca vir.



“Antonio”

Se ele tivesse uma ampolheta do tempo diria que a areia findava e breve ela estaria vazia. Sabia que viver semanas seria uma dádiva, pois o especialista disse que não duraria tanto. Doença cruel que o fazia morrer devagar e sofrido. Cada sessão de quimioterapia era um suplício e muitas vezes ele pediu a Deus que o levasse, mas sabia que não poderia decidir. Sua vida estava nas mãos Dele e se fosse para ser assim teria de ser. Um dia riu de si mesmo quando pensou em acabar com a vida do Professor Gerson. Foi um momento de raiva que ele ajoelhou e pediu perdão pelos pensamentos



nefasto. Setenta anos de escotismo, um dos poucos fundadores iniciado como lobo via a cada dia o sonho Escoteiro se acabar. Uma legião que lutaram junto via angustiados tudo se perder nas mãos de um diretor hipócrita, que decidiu sem consultar ninguém retomar o terreno da sede escoteira.

Um documento entregue em uma solenidade na praça da cidade que não valia mais. Um prefeito que lhes deu uma posse de mentira, uma luta ano a ano para transformar uma saleta em uma sede com todas as necessidades de suas sessões. Quanto sangue derramado? Quanto suor e lágrima para conseguir um tijolo, uma telha, uma porta e tudo agora estaria perdido? Com que direitos? O advogado Jamil disse que não tinham como fugir. Tinham de entregar a sede em trinta dias. A lei era clara. Deu sua vida, deu seu amor, viveu ali fazendo tudo pela cidade e agora não havia retribuição. Prefeito, vereadores se curvavam ao novo Diretor Nomeado da FATEC uma entidade governamental. Para onde iriam? Como continuar? Todas as tardes ele procurava uma solução e nada. Mesmo espiritualista maldizia o Diretor que nunca foi Escoteiro e não queria entender os benefícios de uma educação extraescolar. Prefiro morrer antes, não dá para assistir esta derrocada final.

Foi levado ao hospital. Escoteiros e chefes acorreram ao local. Eis que extenuado chega o Presidente. Amigos o decreto do Professor foi anulado. Uma petição entregue ao Ministério da Educação que ninguém sabe quem enviou foi aprovada. Agora somos proprietários com escritura lavrada! Uma palma estrondosa ecoou na porta do hospital. Na UTI Antonio sorria. A luta se encerrava. Valeu enviar aquela petição. Agora poderia morrer em paz!



Enriqueta.

la escrever uma crônica diferente. Muitos gostam das histórias de Baden-Powell, das místicas Escoteiras e quando o tema são os Formidáveis lobos de Seeonee é sucesso na certa. Mas ao fazer a minha caminhada diária, eis que me deparei no Parque que frequento com uma senhora dos seus quase setenta anos, sentada em um banco e vendo-a de longe, achei que tinha um pequeno livro na mão e lia com atenção.

Ao me aproximar vi que enganei. Era um celular parecendo ser dos mais modernos e ela absorva não via mais nada em suas volta só o que se apresenta na telinha de quatro ou cinco polegadas. Ao passar em frente cumprimentei e não tive resposta. Ela estava perdidamente viajando nas trilhas da internet dos seus sonhos. Segui meu caminho e fiquei pensando aonde tudo isto vai levar. A modernidade tem seu preço? Viver em família hoje ainda tem as gostosas conversas entre pai e mãe e os filhos nas noites de luar?

Acho que não. São tantas as famílias com o novo hábito que dizem as más línguas que ao faltar bateria e energia, a família levanta a cabeça olha em volta e pergunta: - Poxa como você cresceu! E aquela piada da mãe dizendo ao filho: - Filho desliga lá o fogo da panela de pressão, por favor? - E ele - Calma aí, mãe! Tô mandando uma mensagem para a Aline! - Ela retorna: - Filho vai rápido, senão o feijão queima. Eu estou esperando seu tio me atender no Skype! E já vou avisando: - Nada de usar o celular durante o almoço tá? Muito menos na hora de dormir. Este tipo de conversa evidencia uma verdade: - Sem dúvida a internet vem interferindo na forma como nos relacionamos. Isto sem comentar os surgimentos de abreviações, gírias e tantas outras que dizem ser uma norma da “internetês”! Eu francamente não sei o quando as famílias estão sido seriamente afetadas. Se para o bem ou para o mal.

Seria “cafona” dizer que no passado era diferente. A gente conversa nas refeições. Contava causos, contava piadas, falava da escola e a noitinha o pai ou a mãe sempre com uma história ou mesmo um violão a dedilhar. E o hábito da leitura? Dizem que isto nos leva a compreender melhor o mundo a nossa volta. Afinal se vivemos na era do conhecimento não seria interessante mergulhar neste mar de informações disponíveis nas páginas de um belo livro? Quantas viagens eu fiz, quantos países eu fui, quantas histórias eu vivi e nunca mais esqueci. Uma época de ler “Os Miseráveis” O pequeno Príncipe que alcançou uma tiragem de mais de 140 milhões, o caso dos Dez Negrinhos com mais de 100 milhões, O Código da Vince, O Apanhador no Campo de Centeio, Dom Quixote de Miguel de Cervantes, Guerra e Paz de Liev Tolstói, A Montanha Mágica de Thomas Mann, Cem Anos de Solidão de Gabriel Garcia Márques e tantos outros que não podem faltar a nenhuma biblioteca para ler e sonhar.

Não vamos deixar de comentar a leitura de alguma revista ou jornal, os autores, jornalistas ou blogueiro. Vemos as vantagens de uma boa leitura na hora de procurar uma oportunidade no mercado de trabalho, conhecer através da leitura o mundo e ter uma visão crítica da nossa realidade que são credenciais que certamente vão favorecer uma possível contratação. Sabemos que quem lê expande seu repertório e fortalece argumentos. Estão aí hoje os iBooks, que ainda não tenho domínio, mas ainda sou das antigas, pegar no livro ou no jornal, abrir as páginas, virar, sonhar com cada frases com cada conto com cada artigo.

Não sei aonde vamos chegar. Deve ser para melhor. Sou deslocado no tempo e sou ainda daqueles que adora um bom livro, uma boa música que os compositores do passado fizeram e estão aí até hoje iluminando os amantes que amam uma boa orquestra, uma sinfonia ilustrada por uma opera, um concerto e viver neste mundo de instrumentos fantásticos nas mãos de um maestro que iluminado rege sua sonata

através de músicos incríveis para dar a cada um de nós o sonho de percorrer um mundo desconhecido e ir descobrindo metáfora por metáfora a beleza deste universo sem par.

O mundo gira, as pessoas mudam. Eu ainda estou parado no tempo. Vez ou outra vejo no Facebook mensagens de chefes que estão a tirar fotos das suas reuniões escoteiras, de seus lobinhos, da bandeira e dos jogos que fazem. Reunião moderna? Lembrando Augusto Branco: Ontem você era tudo, hoje tanto faz. O mundo dá voltas, o tempo passa, as pessoas evoluem, a vida é mágica e quem fica parado simplesmente desaparece... Vai ficando prá trás!



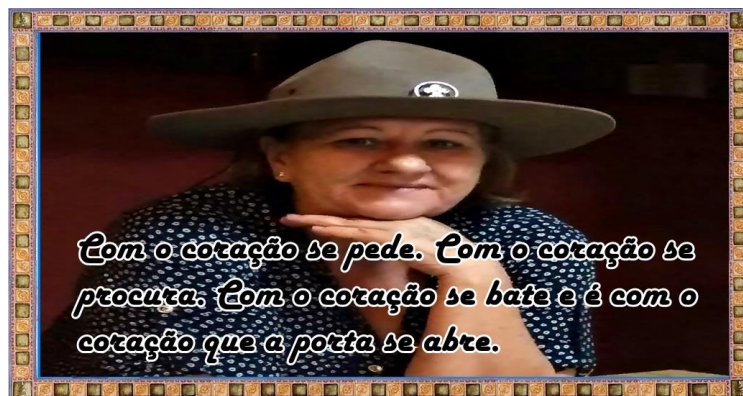
“Lucy” – publicado em 10/02/2016

Era uma amizade que diziam ser para sempre. Na Matilha Verde havia uma química entre elas. A conta de telefone sempre alta. – Lucy! Precisamos economizar! – Um dia a mãe de Lucy desistiu. Nas reuniões de Alcatéia conversavam o tempo todo. Os chefes compreensivos procuravam entender. Receberam o Cruzeiro do Sul no mesmo dia. A passagem por insistência também foi feita com ambas. Exigiram ficar na mesma patrulha. Os Leopardos tiveram seu momento de glória. Elas deram nova vida à patrulha. Aos quinze passaram para os seniores. Foi difícil ficar na mesma patrulha, pois eram duas e ambas com seis. Uma não poderia ficar com oito, seria desproporcional. Isto não impedia a conversa, os sorrisos, os causos e os segredos que duas moçoilas contavam da vida. Faziam planos para o futuro. Ambas diziam que não iriam casar. Seriam amigas para sempre.

Mirtes se apaixonou. Lucy viu o distanciamento. Chorava e pensava que não queria perder a amiga. Encontravam-se agora fora das reuniões poucas vezes. Lucy sentia falta, muita falta. Nas reuniões o sol para ambas não era o mesmo. Não esqueciam os momentos felizes, os acampamentos, os fogos de conselho e principalmente a excursão em Lagoa dos Mares. A lua ajudou, as estrelas deram nova conotação. – Um dia vou morar em uma estrela – Lucy riu. Eu também. Quero sentar em uma ponta brilhante e ver um cometa passar. – Eu não, quero fazer dela minha morada, meu transporte e viajar pelo cosmos conhecer um buraco negro e ir até onde ninguém até hoje foi. As duas riam e contavam suas ilusões seus pensamentos seus sonhos.

- Ele quer que eu saia. Disse- sem meias palavras – Ou o escotismo ou eu! Não posso viver sem ele. O amo demais e não tenho como escolher. – Lucy viu a partida

de sua amiga e chorou por dias e dias. Ninguém nas patrulhas comentou. Parece que sua falta não era sentida. Ela tinha medo, muito medo de se apaixonar. Medo de ter de decidir entre um e outro. O que diria? Qual ação tomar? Conheceu Miguel, se apaixonou. Era compreensivo, muito mais amigo que um amante. A vida sempre nos coloca em nossa frente várias opções. A escolha é livre, mas, uma vez feita à opção, cessa nossa liberdade e somos forçados a recolher as consequências. Após a reunião ele estava à espera. Nem entrar entrava. Dizia não se sentir bem. De mãos dadas saíram a caminhar. Ela então ouviu o que nunca queria ouvir. Sempre pedia a Deus para isto não acontecer. – “Escolha, ou o escotismo ou eu” ...



“Amâncio”.

Olhou para seu monitor e pensou em dar uma resposta à altura. Eram da mesma idade e Torpedo só mandava e nada fazia. Deu para empurrar a patrulha quando em fila. O jogou no chão algumas vezes. Fervia de raiva. Porque aceitar aquilo? Prometeu a si mesmo sair depois do acampamento em Aguas Formosas. Sonhava com ele. Um ano de preparação. Perder tudo que criou na sua mente? E o Ninho de Águia? E a Ponte Pênsil? Treinou amarras, costuras, desenhou. Deixar tudo para trás? Será que o Chefe não via as ações de Torpedo? Porque aceitar um monitor sem qualidades, mandão, déspota, prepotente a “comandar” uma patrulha que nunca iria aprender a andar com suas próprias pernas dirigidas por um monitor sem formação?

Foi para casa pensando o que fazer. Quantos entraram na patrulha e saíam? Há dois anos quando entrou a patrulha tinha sete, Torpedo entrou e saíram tantos que agora só tinham quatro e olhe que mais de oito entraram depois. Uma conta que não fecha. Resolveu falar de homem para homem. Foi à casa de torpedo. Ficou horrorizado com o que viu. Seu padrasto com uma correia na mão lhe aplicava a maior surra. Sua mãe corria pedindo perdão. Torpedo chorava e gritava. A patrulha policial chegou. Levou o Padrasto de Torpedo. Sua mãe o levou para o hospital, pois estava todo machucado.

Chegou ao sábado na sede e abraçou Torpedo. Este espantado não sabia o que dizer. Amâncio sorriu. – Torpedo, a amizade desenvolve a felicidade e reduz o



sofrimento. Duplica a nossa alegria quando dividimos a nossa dor. Torpedo sorriu e abraçou forte Amâncio. Ficaram amigos para todo o sempre!



“Emmanuel”.

Timóteo foi o primeiro. Sempre fora assim desde que ele entrou para os escoteiros. Era uma alegria vê-lo chegar. Ficar só na sede, mesmo acostumado ele sentia falta. Ele se juntava a todas as patrulhas. Não tinha nenhuma especial. Sabia o nome de cada um: Mozart, Luiz, Totonho, Antonio, Pedro, Zacarias... Sabia do acampamento no próximo mês. Sonhava. Afinal ficaria dias e noites junto a eles era uma alegria infinita. Lembrava pouco do seu passado. Nos últimos trinta anos fez tudo para esquecer. Um pai cruel, uma mãe que não ligava para ele, uma morte em uma curva onde todos eles partiram para o outro lado da vida. Sombras tenebrosas levaram seu pai e sua mãe e ele ficou. Perambulou pelas ruas, ficou na sua casa, mas a briga dos tios pelo espólio o enojava. Descobriu os Escoteiros. Ali fez sua morada.

Conheceu centenas deles. Afinal trinta anos produziu muitos homens feitos. Assustou quando Braguinha disse que o via, mas não escutava. Sorriu para ele e se tornaram amigos até que um dia ele partiu. Quantos chefes? Dezenas. Nunca esqueceu o Chefe André Luiz. Dizia belas palavras: - O bem que praticas em qualquer lugar será teu advogado em toda parte. Nunca esqueceu quando a noite no Pico das Agulhas Negras disse; - Assim como a semente traça a forma e o destino da árvore, os teus próprios desejos é que te configuram a vida. Aos poucos foi vestindo peça por peça do uniforme. Lembrou-se de um anjo que lhe disse: Você é somente espírito e estes não tem corpo. Muitas vezes tentaram levá-lo, mas ele insistia em ficar. Gostava dali, seu pai nunca o deixou ser um. - Filho isto é coisa de “boiola”, você é meu filho macho, e tem de demonstrar desde cedo que sabe mandar e matar se preciso. Naquele dia chorou. Lembrou mais uma vez do Chefe André Luiz: - A grandeza do amor repousa invariavelmente na conjugação do verbo servir.

Viu um clarão azul como se fosse uma lua cheia diferente. - Filho, chegou a hora de partir! - Era um Velho de roupas brancas e alvas, envolto em luzes brilhantes. - Porque Senhor? - Esqueceram-se de você. Seu pai e sua mãe ainda estão acertando

suas dívidas com Deus. – Braguinha foi quem nos alertou. – Braguinha? Onde ele está? – venha comigo, e vais encontrá-lo bem no centro do universo. Ele pensou e pensou. Senhor! – Posso pelo menos ir ao meu último acampamento? – O Velho sorriu. Ele sabia que as verdadeiras afeições são eternas. Não começam e não terminam em uma existência. "À proporção que se liberta, a alma encontra-se numa situação comparável àquele que desperta de profundo sono. Bem diverso é, contudo, esse despertar".

A humildade não está na pobreza, não está na indigência, na penúria, na necessidade, na nudez e nem na fome. A humildade está na pessoa que tendo o direito de reclamar, julgar, reprovar e tomar qualquer atitude compreensível no brio pessoal, apenas abençoa. – Este é um conto de ficção baseado na doutrina espírita.



#### Recordações.

O acampamento vai chegando ao fim. As noites sob o céu de estrelas deixarão de existir. O momento final é glorioso. Todos estão a lembrar da luta dos dias de construção. A manhã do último dia chega sem ninguém perceber que o que vale na vida é o ponto de partida e não a chegada. Cada um olha sua construção, sua mesa, seu fogão, sua barraca e os olhos lacrimosos sabiam que no final tudo ia ao chão. Nada ficaria a não ser o espírito criado, a amizade sem adornos os fraternos abraços e as boas ações. Agora só o sol era testemunha do fim da jornada. Quando ele se por no horizonte, todos sem exceção voltaram ao ponto de reunião. O Chefe geral falou alto a Tropa formada: - No fim tudo da certo, e se não deu certo é porque ainda não chegou ao fim. Acredito, o acampamento é assim, um céu que pouco anoitece e a patrulha se despedindo pensando no seu retorno e a árvore do campo dizendo chorosa: - Adeus! Nada ficou sem desfazer.

Melhor chorar na bandeira quando ela farfalhar no vento fazendo-a descer devagar. Pensamentos tão sós dizendo que um dia tudo de novo vai recomeçar. No futuro virão outros acampamentos, se agora é o fim o recomeço está próximo. É como se fosse uma trilha que a gente vai descobrindo sem perceber onde a trilha começa e a barraca armar. Não se faz pacto com o tempo. Não existem tarefas impossíveis de realizar. Todos aguardam o novo acampamento que vai chegar. Agora é contar as horas como se fossem eternidade de momento. Sempre Alerta Campo! É hora de partir! Não fique tristonho, sorria, pois em breve irei voltar! Escoteiros alerta! Bom campo... Debandar!

**Feliz aquele que um dia dormiu no manto das estrelas, como se fossem barracas forradas ao luar.**

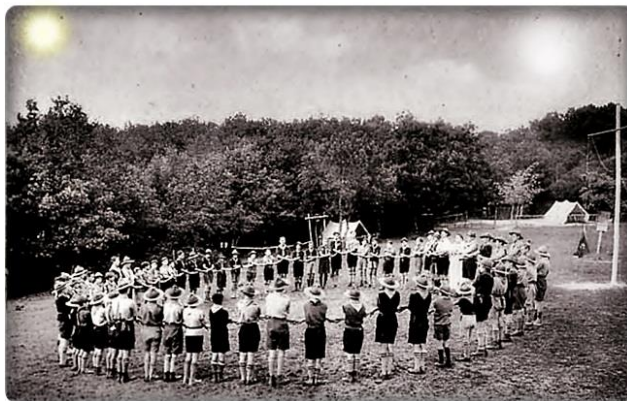


**Morena.**

**Ela chegou. Uma espera inolvidável. Quanta espera. Chegou agora. De mansinho, dizem que é das boas. daquelas que chegam sem barulho. Duram horas, dias e tem casos de semana. Adoro a chuva. Não importa onde. Pode ser em casa, viajando de trem ou até em marcha de estrada ou em uma trilha de uma montanha. Nem posso falar. Na janela do trem ver a chuva cair é um espetáculo inesquecível. Ali vai ele, o trem. A correr pelas campinas sempre ao lado de um rio caudaloso ou não e a chuva cai. Que saudades! Estava na varanda, pensando no vento que soprava. Devagar. Calmo. E eis que ela chega. Trás uma gostosa brisa. Fresca. Espanta um pouco o calor de trinta e seis graus. Gostosa. Doce. Lembrei-me de acampamentos. Quantos foram e quantos a chuva chegou. Às vezes brava. Gritante. Raios enormes e trovões que ribombavam o céu. Outras aquelas que não faziam barulho. Simples. Calma como a dizer não se assuste Escoteiro. Só vim molhar a terra. Estava seca. Precisava de mim.**

**Na barraca, ouvir os pingos na lona, é uma musica suave, gostosa, como um cantar da mamãe nas noites de chuva quando criança para me fazer dormir. Tempos que já se foram. As madrugadas, a chuva não para. Abrir a porta da barraca, sentir o cheiro da terra! O farfalhar das árvores, a floresta falando baixinho chove chuva. Maravilhoso! Chove chuva. Quantas melodias me vêm a memoria. Prefiro uma só. Saudades de tantas, deixa chover!**

**Gosto de ti, ó chuva, nos beirados,  
Dizendo coisas que ninguém entende!  
Da tua cantilena se desprende  
Um sonho de magia e de pecados...**



**“Tininha” Lançado em 05/02/2016**

**Abriu os olhos lentamente. Tateou com sua mão direita procurando Fofinho seu ursinho de estimação. Nada! – olhou para o lado e viu Betinha sua amiga lobinha deitada ao seu lado. Levantou a cabeça e se assustou. Não era seu quarto. Olhou para a porta de lona esperando sua mãe entrar para dizer que estava na hora da escola. Sua Mamãe não entrou. Ouviu uma voz conhecida gritando Lobo, Lobo, Lobo! Levantar com este frio? Nem morta. Virou para o lado e tentou dormir mais. Sua mente passeava. Onde estava? O que fazia ali? Dormia em uma barraca e nunca dormiu assim. Sorriu, era diferente era bom demais. Sabia que gostava. Lembrou que era Lobinha e as lobinhas são espertas, obedientes e disciplinadas. Será que tinha de lavar o rosto e escovar os dentes como sua mãe fazia quando acordava?**

**Outra vez o mesmo grito. Desta vez mais forte. Lobo, Lobo, Lobo! Levantou. Betinha acordou e olhou para fora da barraca. Já é hora? Tininha sorriu. Saiu devagar da barraca, um frio de rachar. Pegou sua blusa de frio. A Alcatéia se formava, mas faltavam muitos que ainda dormiam. O Balu e a Bagheera iam de barraca em barraca. Tininha sorriu. Foi à primeira vez que dormiu em uma barraca de pano. Acantonou antes, mas dormiram em um quarto bagunçado de tantos lobinhos. Gostava. Divertia-se, se sentia bem com as outras lobinhas. A Akelá era simpática, o Balu fazia cara de feroz, mas logo em seguida dava uma boa gargalhada. Bagueera era mãe, pai, tia e avó. Olhou para o céu e viu o sol chegando. Olhou para a Akelá e ela sorria.**

**Sabia que seria mais um dia divertido. Correu a formar. O dia passou e ela nem se lembrou da mamãe, do papai e do Fredinho seu irmão e do seu urso Fofinho. Quantos dias ainda estaria ali? Não sabia, não importava, amava muito tudo isto. Na matilha Azul ouviu um trinar de um passarinho. Olhou e ele estava em um galho próximo cantando. O mundo sorria, Tininha sorria, a Akelá sorria. Isto era bom demais. Sabia que seria uma Lobinha da selva de Mowgly para sempre. – Melhor Possível Akelá!**





### **Tempo.**

O tempo vai passando. É mais que o relógio que marca as horas paulatinamente em nossas vidas. Algumas vezes ele deixa marcas, tristezas e alegrias, outras não. Marcas que ficam perdidas e gravadas na memória e até em nosso próprio modo de viver. Seria possível medir o tempo? Dizem que ele passa tão rápido que nem percebemos. Foi ele quem levou muitos amigos que me acompanhavam nas jornadas dos meus contos e se foram. Sinto falta deles. Por onde andam? São explicações que a gente não pode saber, pois o escotismo hoje talvez não seja mais o mesmo que antes. Nada se perde tudo se transforma. Uns vão outros chegam. Sempre amigos chegando e há me fazer bem. Escotismo é assim, não foi um Escoteiro quem nos disse que uns tem e não podem outros podem e não tem? Muitos sonhos que não se realizaram e outros que trouxeram a esperança de dias melhores. As fantasias foram esquecidas no fundo do “bortal”. O tempo não perdoa. Não dá mais para fechar os olhos e ver o último grão de areia da ampulheta sumir na estrada do tempo.

Todos os anos que aqui vivi como um pseudo escritor aprendiz, eu aprendi a agradecer e dar um viva por chegar tão longe e com tantos amigos. Quanto tempo mais? Não sei e não importa. Não vou deixar de aproveitar a cada minuto ou segundo para falar das flores, dos bosques, da lua e das estrelas. Já não posso mais beber meu chope, meu uísque e até esqueci como eram deliciosos antes da passagem do tempo. Em uma passagem bíblica eu li um dia: - Tudo tem o seu tempo determinado e há tempo para todo propósito debaixo do céu. Tempo de nascer e tempo de morrer. Tempo de chorar e tempo de rir. Tempo de abraçar e tempo de afastar-se. Tempo de amar e tempo de aborrecer. Tempo de guerra e tempo de paz...

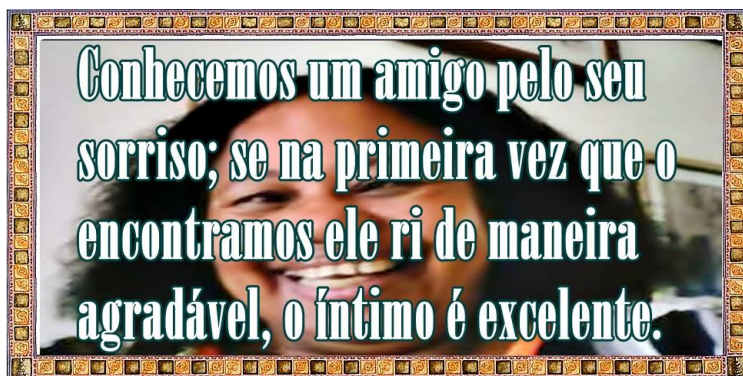
Um célebre físico poeta disse que o homem que tem coragem de desperdiçar uma hora do seu tempo não descobriu o valor da vida. Hoje passado anos cercado de amigos que nunca vi que nunca apertei a mão sinto dentro de mim uma alegria uma paz que me faz bem. Saber que tantos ainda estão a ler e dizer que gostam dos meus contos gostam das minhas histórias me traz uma felicidade imensa que não quero perder. Vez ou outra nos falamos por escrita com um ou outro. Todos impossível. Quantos são? Dez mil? Quinze mil em minhas três páginas? E nos grupos que construí? Vinte mil? Tanto assim? Infelizmente só posso agradecer a todos que me prestigiam. Não vou negar que eu tenho por todos eles enorme admiração e que saibam o quanto me fazem bem. A cada

**um que curte que comenta ou mesmo aqueles que gostam e compartilham eu agradeço. Que Deus que sabe o que faz eu agradeço por me dar tantos amigos. Obrigado. Que honra em saber que ainda estão comigo me fazendo feliz.**

**Eu sei que não se pode medir o tempo. Seria impossível imaginar que quando nascemos alguém virou a ampulheta e nossa vida começou ali a escorrer em um pequeno orifício de uma âmbula a outra. Grãos de areia a cair como se fosse os últimos anos do resto de nossas vidas. Vai chegar a hora que a ampulheta vai ficar vazia. É só dar tempo ao tempo. Nesta hora iremos recordar nossos sonhos de criança, o chegar à puberdade, o primeiro amor, a descoberta dos sonhos. Tempo em pensar que o mundo seria fácil para alcançar. E chega a velhice e vemos que nem tudo deu certo, que não a conseguimos realizar todos os sonhos, o poder a riqueza, o ser feliz para sempre. É nesta hora que chegamos à conclusão que alguns dos nossos sonhos ficaram para trás.**

**Mas não importa, pois o tempo passa. Não adianta preocupar se o relógio marca as horas e não para. Algumas vezes este tempo deixa marcas, tristezas e alegrias. Marcas que ficam gravadas na memória e até mesmo muda nosso modo de viver. Dizem que é impossível medir o tempo. O Monge de Chartres de nome Luitprand que viveu no século VIII dizem os historiadores foi o criador da Ampulheta do tempo. Para mim uma das maiores invenções da humanidade. Mostra o quão somos pequenos neste universo. Uma vez tive uma. Ficava na mesa e eu ficava olhando-a virada e vendo a areia cair calmamente grão por grão e pensava: - Seria assim o contar do tempo da vida de cada um? Esvaindo aos poucos o que nos resta nesta terra abençoada? Francamente não importa. Que o tempo venha que fique que siga seu caminho e se vai nos levar junto é uma rotina que não podemos fugir.**

**Medir o tempo não basta para duvidar que somos aquele grão de areia a cair até que o último grão caia encerrando o ciclo da vida. Devemos ter a certeza que podemos ser felizes se esquecermos de que a ampulheta mesmo real não passa de um sonho. Finalmente vou terminando com meu muito obrigado. A você que me lê, a você que curte a você que comenta ou mesmo você que achou que outros deveriam conhecer o que escrevi compartilhando. A rotina do tempo não para. Enquanto viver esperarei até o ultimo momento, o ultimo grão terminar dizendo que meu tempo acabou. Enquanto isto desejo a todos que sejam felizes. Que os anos sejam belos, que os sonhos mesmo não realizados valerem e que a vida ainda vale a pena viver. Meu abraço fraterno, um beijo suave simples de um Escoteiro e meu desejo que a felicidade esteja presente no coração de todos vocês! Sempre Alerta!**

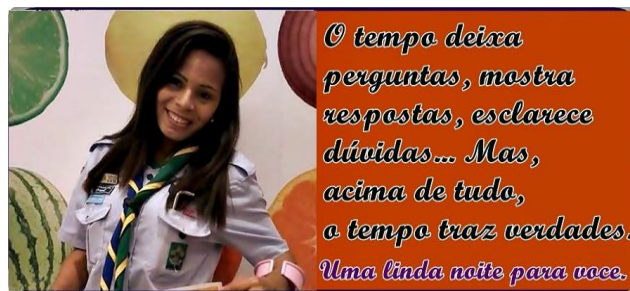


**“Tonho” – lançado em 04/02/2015**

**Na janela olhava os passantes sem falar. Sua mente corria solta tentando costurar os erros e acertos de sua vida. A conversa com Tico foi à gota. Não foi a primeira e sabia que não seria a última. – Chefe, Prisco meu amigo que é Escoteiro no outro grupo me disse que sou pirata. Perguntei a ele o que significava – Ele disse que o Chefe dele dizia que éramos intrusos e não tínhamos direitos. Tentou me convencer a passar para eles. – O que fazer quando um Escoteiro seu diz isto para você? Outras vezes um ou outro que não sabiam das diferenças perguntavam: - Chefe, porque não podemos participar das atividades e acampamento deles? – Afinal não somos todos irmãos? – Seria sua culpa? Tinha sido Escoteiro, fez uma promessa, amava a seu modo o movimento. Admirava o método do fundador. Agora adulto resolveu fazer uma Tropa. Uma experiência, sem a estrutura de um Grupo Escoteiro. As exigências para iniciar não o agradaram. O registro mais ainda. Soube que as normas eram cobradas para tudo.**

**Não tinha diretores. Para dar uma satisfação convidou a mãe de Ricardo uma simples lavadeira para ser a presidente. A Tropa cresceu. Dois anos e agora estavam completos. Vinte e oito escoteiros. Menos de um ou dois saiam por ano. A procura enorme. Não queria quantidade e sim fazer o escotismo que acreditava. Confiava nos monitores, às patrulhas saiam sozinhas, acampavam sozinhas. Dar responsabilidade era sua maneira de ver a formação escoteira. Fora assim com ele. Quando Juvenal o procurou para dizer que ia organizar um Grupo filiado a Direção Nacional ele o parabenizou. – Precisamos de mais escoteiros disse. Mas não foi bem assim. Exigiram de Juvenal o distanciamento. Ele queria fraternidade e encontrou animosidade. Os meninos de um e outro se conheciam, mas na farda eram desiguais. Agora eram piratas, ameaçados de extinção, diziam que seriam levados as barras dos tribunais.**

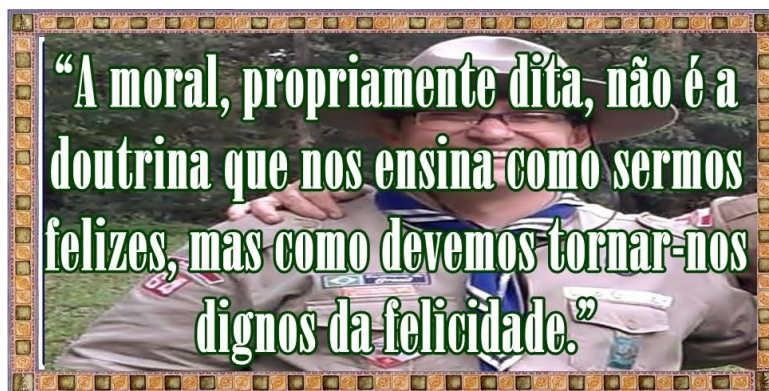
**Ouviu ao longe o cantar do Hino Rataplã. Eram os Touros chegando do acampamento. O povo da cidade aplaudia. Os escoteiros com suas mochilas, tralhas e carrocinha de peito estufado marchavam com garbo. Pararam em frente sua janela – Sempre Alerta Chefe! Patrulha Touro se apresentado após o acampamento! – Sorriu. As preocupações ficaram para trás. Ele sabia que formava meninos para serem o futuro da nação. O escotismo não tinha dono era de todos. – Sempre Alerta Touros! Parabéns! Estou orgulhoso de vocês!**



### Devaneios...

Tem frases que marcam por uma vida. Tem poemas que ficam na história. Tem uns simples que a gente nunca esquece. Uma amiga escreveu: - Veja o que estou precisando: - Viajar, cair no mundo, me mandar... Por o pé na estrada. Nossa! Deu-me um aperto no coração. Estava precisando disto também, mas não posso mais. Quando bate saudades e desejos impossíveis vou para minha varanda e volto ao passado como um pássaro alado a escrever no céu o que um dia fez acontecer. Afinal se não puder fazer tudo, faça o que puder. E então as palavras de saudades voltaram a acontecer. Coloquei no papel, e aqui deixo para cada um juntar as suas lembranças as minhas. Eu sempre disse a mim mesmo, quando algo bom faça você lembrar, temos três escolhas para decidir: - Deixar isso definir você, deixar isto destruir você ou fazer isto para te fazer mais feliz!

- Bom demais partir sem destino. Como se o tempo não existisse e a vida fosse uma luz em um túnel do tempo que me levasse a qualquer lugar. Uma mochila as costas, um bernal no costado, uma estrada sem fim, um sol poente se escondendo para a lua cheia chegar. Estrelas no céu, cantarolar pelo caminho, passadas simples sem pressa para vencer a jornada que não tem destino. Ouvir os pássaros noturnos no seu cantarolar. Uma clareira, uma pequena fogueira uma coruja a croquear. Insetos noturnos sapecando sons imperdíveis, vagalumes piscando luzes de amor. Sem tempo de partir, sem horário a cumprir. Uma cascata ao lado, fazendo sons miraculosos como se fosse uma orquestra de cordas desafiando os sons da madrugada. Quisera eu ter uma varinha de condão, me elevar no ar, tocar uma nuvem alva que passa e sorri para mim. Sentir o vento soprar com mais força e me deixar levar como uma pipa encantada procurando seu lugar. Pensamentos abstratos de desejos impossíveis que vagueiam no tempo, nada mais nada menos que sonhos que partem na velocidade do pensamento de um Velho que sabe que seu tempo já foi. Hoje? Hoje é sorrir, lembrar, sentir saudades e esperar quem sabe uma nova vida para tudo de novo recomeçar... Afinal a vida não é um recomeço?



**“Lorenzo” lançada em 03/02/2016**

**Você me pede para ser Escoteiro. Conta uma parte da sua vida e por isto não acredita em nenhuma religião. Diz para mim que fará tudo que eu pedir, mas que seja liberado da promessa, pois não irá prometer algum que não acredita. Você me confirma que é um humanista e agnóstico, que não pode provar que Deus existe e que suspeita que ele não exista e por isto não quer perder tempo em pensar em religião. Ri e me repete que duas mãos trabalhado fazem mais que milhares unidas rezando. Eu disse a você que seria bem vindo, mesmo que pensasse assim. Pedi para virem teus pais e você se recusou. Disse que eles não pensam como você e que com seus dezesseis anos já é dono de sua vida. Não quis formar opinião e nem discutir religião. Você desde o início dizia que não teme morrer e ir para o inferno ou quem sabe o Paraíso. Confirma que a morte seja um nada e por isto remove todos os medos possíveis da morte. Sorri dizendo que és muito agradecido ao ateísmo.**

**Eu fiquei calado ouvindo você, pensei comigo como seria sua participação junto aos seus companheiros, se aceitaria a fé que eles têm ou sublevaria para mostrar que a fé não existe. Pensei em dizer se você nas reuniões todos orando como se sentiria sozinho sem rezar? Iria respeitar ou iria sorrir? Pensei na sua promessa assistida por todos você dizendo: Prometo fazer o melhor possível para... Sem Deus? Pensei como seria sua vivencia na natureza, prova viva da criação vendo as formigas, as borboletas coloridas, os beija flores e o cantar dos pássaros se eles também seriam como você. Não existe o outro lado o outro lado é aqui. O que diria quando sua patrulha no alto da montanha visse um lindo por do sol e alguns iriam fazer uma circunflexão e dizer obrigado senhor por ter deixado que eu veja sua grande criação. Até pensei em um santo que dizia: - Nenhum homem diz “Deus não existe”, a não ser aquele que têm interesse em que Ele não exista!**

**Você foi embora, tentou se explicar, mas desistiu. Fiquei tristonho, queria você Escoteiro, queria ter mais um irmão, mas você seria o único, eu e você sabíamos que não ficaria a vontade com alguém que pensa diferente de você.**

**Sujeito que clama e berra. Contra a vida a que se agarra,  
Vive em perene algazarra, colado aos brejais da terra.  
Do raciocínio faz garra, com que à verdade faz guerra,  
Na desdita em que se aferra à ilusão em que se amarra.**



**De mente sempre na birra. Ouve a ambição que lhe acirra  
A paixão que o liga à burra. Mas a luz divina jorra  
E a vida ganha a desforra na morte que o pega e surra.**



**“Nina”.**

**Não foi Lobinha. Entrou por causa de Marly. No início adorava. Tinha sonhos, queria acampar, excursionar tudo aquilo que sua Avó Maninha lhe contou. Entregou-se de corpo e alma. Que o sol queimasse que a tempestade caísse dos céus. Se o frio era de rachar ela sorria. Seguiu a trilha que lhe ensinaram. O que fazia virou paixão. Um amor profundo aquela filosofia que amava. Dizia para si que seria escoteira para sempre. Queria fazer tudo, estar em todos os lugares, conquistar milhões de amigos. Sorria e chorava nos fogos de conselho. Seu pai morreu de câncer. Nunca pensou que isto iria doer tanto. O amava tal qual o escotismo, mas muito mais.**

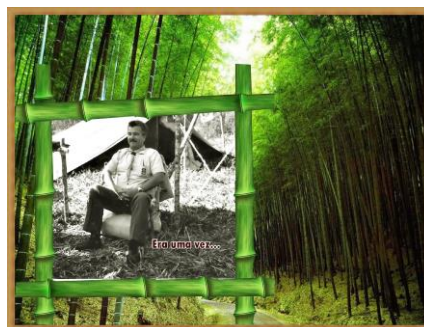
**Chorou pelos cantos da casa dia e noite e não conseguia esquecer. Perguntou a Deus o que tinha feito para perder alguém que amava tanto. Não tinha resposta. Pensou em deixar o Movimento Escoteiro. Sem seu pai para contar suas aventuras, seus amores, suas dores, suas paixões pelo sol quando se despedia nas tardes quentes, ou quando abria a porta da barraca e ele entrava sem pedir agora não tinha mais o sabor do passado. Abriu um livro que estava na mesa. Nas primeiras páginas estava escrito: Ama e faz o que quiseres. Se calares, calarás com amor. Se gritares, gritarás com amor. Se corrigires corrigirás com amor. Se perdoares, perdoarás com amor. Se tiveres o amor enraizado em ti, nenhuma coisa senão o amor serão teus frutos. Santo Agostinho.**

**Olhou para o céu, sabia que seu pai aplaudia onde estivesse. Vestiu seu uniforme. Partiu rumo ao escotismo e seus amigos. A paz voltou a morar em seu coração. Ter fé é acreditar naquilo que você não vê. A recompensa por essa fé é ver aquilo em que você acredita!**



### **Mestre.**

Tive muitas experiências na vida. Escotismo me trouxe alegrias, mas muitas vezes ouvi alguém dizer que eu não era capaz. Eles não me conheciam, eu sabia que era mais forte do que parecia e mais duro do que os outros pensavam. Para muitos existem muitas pedras no caminho. Caminho que se não pudermos destacar pelo talento, porque não vencer pelo esforço? Um Chefe meu dizia sempre: - Se o plano A não funcionar, lembre-se que o alfabeto tem diversas outras letras. O importante é vencer seus medos, pois se a vida te fechar a porta, pule a janela meu amigo! Diga para quem quiser ouvir que o azedume alheio não o impede de espalhar doçuras por aí. Lute pelo que acredita. Não existe obstáculo por maior que seja que não possa ser superado. E claro, prepare-se para o pior. Sem sacrifício não haverá vitória. A vida é dura com quem faz corpo mole. Deixe o seu sorriso mudar o mundo, mas nunca deixe o mundo mudar o seu sorriso.



### **A Sentinela.**

Houve um tempo que não existe mais, tempo da sentinela, do vigia, do guarda, do vigilante o olheiro ou como queiram chamar. Quem foi Escoteiro ou Sênior têm sempre uma boa história para contar das noites frias de inverno ou nas quentes do verão. Ficar de sentinela, muitas vezes era osso duro de roer. Os causos a beira de uma conversa ao pé do fogo ou mesmo uma montagem de um esquete no fogo de conselho a contar como enfrentamos nas noites escuras, armados de facão e bastão, um apito brejeiro a espera do ataque que não vinha. Era como viver o mocinho nas pradarias a

ver se algum índio iria chegar para atacar o comboio das carroças e carruagens que desbravam trilhas e estradas do oeste selvagem. A mocinha dentro da carroça a dormir, o índio que sorrateiramente chegava rastejando, um tiro no ar e o ataque mortal.

Tivemos muitos jovens escoteiros, ou mesmo seniores batutas nas lides a espera de uma boa briga com os Coyotes ou os selvagens com seus tacapes mortais. A patrulha no seu campo antes de dormir o monitor gritava Vado o primeiro turno é seu! Nossa! Quanta importância era ser o primeiro. Todos iam dormir. Eu ali em pé rodando em volta da barraca, vendo a cada sombra um inimigo, uma vontade enorme de apitar o S.O.S aquele Velho código universal de socorro, utilizado para alertar quando alguém se aproximava. Conheci um Escoteiro que era metido a valente e no terceiro turno diz que viu um gigante se aproximando do campo de patrulha e se pôs a apitar feito um louco até que a patrulha toda acordada queria saber onde estava o gigante. Nada menos que um pequeno galho no escuro da noite ao sabor do vento subia e descia naqueles troncos fortes que não o deixavam cair.

O meu maior caso de sentinela aconteceu com um famoso batalhão do Tiro de Guerra da minha cidade. Um sargentão valente, jovens crescidos brincando de soldados, fuzil no ombro a marchar o sargentão gritando: - O que? Eles respondiam: Soldados do Brasil! Onde? Eles respondiam: Nas matas do Brasil! A gente menino Escoteiro ou Sênior a admirar os periquitos verdes sabendo que iriam guardar nossas fronteiras do inimigo se aparecer. Nunca esqueci o fato, o relato, o conto que garanto ser verdade e que passo agora a narrar. Perguntem ao Rael, Taozinho, Fumanchu ou mesmo ao Darci. Foi demais. Acampados acima da Ponte de São Raimundo, as margens do Rio Doce, nas quebradas do Iguaçu, um conjunto de belas tocas ou cavernas que o rio quando caudaloso construiu. Dava para dormir folgado, sem armar barracas e moitas de bambus se oferecendo para serem cortadas e construídas belas pioneiras da vida.

Lá estávamos nós, a Patrulha Sênior, nos divertindo, nadando no rio, alguns construindo um pesqueiro com lascas de bambus na curva do rio em um belo remanso, para pescar uns piaus, quem sabe um dourado ou mesmo um surubim que habitavam naquela época a bacia do Rio Doce. Hoje um monte de lama que alguns irresponsáveis deixaram um desastre acontecer. Tudo corria a contento, e eis que surgiu o batalhão de soldados do Tiro de Guerra. Paramos para ver a soldadesca montar suas barracas. O sargento Nonato no alto do seu bigodão gritava sem parar. Se era incentivo não sei, mas palavrões se jogavam no ar. À tardinha chegou um caminhão com a comida da macacada, ou melhor, dos periquitos verdes. Chamá-lo de periquito era uma desonra. Briga na certa. Soubemos que o famoso Capitão Joquinha prendia nas celas do quartel.

Darci veio correndo avisar que tinha encontrado uma bela abobora amarela das grandes. Era grande mesmo. Fizemos uma maca para trazê-la para o acampamento. O plano era simples e conhecido. Ficamos a tarde toda preparando. Com calma para não cortar no lugar errado. As seis ela estava no ponto. Toda limpa por dentro, uma pequena tampa em cima que só cabia uma mão, na frente boca de com dentes pontiagudos, olhos enormes e vista de longe era uma feiticeira má que iria atacar sem dó e sem piedade. Três velas em pontos escolhidos com folhas verdes para a fumaça e às onze e quarenta da noite acendemos as velas e eu mesmo nadei até parte do rio mais profunda. A correnteza não era tão forte assim. Em menos de cinco minutos ela

passaria em frente ao acampamento dos soldados do Brasil. Dito e feito. Jacinto conhecido com Jacu estava de guarda. Apoitamos no alto do morro para ver os acontecimentos.

O primeiro tiro depois outro e a soldadesca dormindo acordou e cada um pegou seu fuzil e atirou como nunca. Gritavam sem parar: - É o capeta! É o Demônio! Deus do céu, de onde surgiu este satanás? Tiros e tiros. Gideão pegou a metralhadora ponto 30 e abriu fogo na pobre abobora que nem sei quantos tiros recebeu. O Sargento Nonato no alto de seu porte de machão deu um belo tiro e a abobora se partiu afundando. Corremos para o acampamento e dormimos o sono dos anjos. Duas semanas depois na reunião de sede eis que no portão o Capitão Joquinha, na sua pose de General adentrou sede adentro. Chamou o Chefe João Soldado. Ele olhando para nós. Mãe do céu, lá vem encrenca da boa. Dito e feito. Fomos chamados e perfilados em linha na posição de sentido na frente do capitão. Ele no alto de sua pose de General nos olhou de cima em baixo, passeou em frente de cada um olhou cabelo, chapéu, nariz e sapato engraxado. Seus olhos choviam chispas vermelhas.

- Patrulha Pelicano? – Sim senhor Capitão!

- Foram vocês que aprontaram com o exército brasileiro? – Sim senhor capitão!

- Se acham os tais e os melhores escoteiros do Brasil? – Sim senhor capitão.

- Então foram seis merdinhas que nem saíram das fraldas e botaram as forças armadas do Brasil para correr? – Ninguém disse nada. A coisa engrossava.

Ele começou a rir, depois gargalhava. A gente sem saber o que fazer começou a rir também. A cidade ficou sabendo e em cada ponto em cada esquina ou barbearia não se falava outra coisa: - Os escoteiros do Brasil botaram para correr o Exército do Brasil!

Bem, parte verdade. Posso jurar. Mas histórias são histórias, outro dia tenho outra para contar. Kkkkkk.



“Célia”

Uma história quase real.

Era uma casinha pequena. Pintada de branco e cheia de flores em volta. Dois quartos. Eu dormia em um com meu marido. Os quatro meninos em outro. Uma salinha de nadinha com uma poltrona e mais nada. Uma cozinha estreita. Mané Vaqueiro e Tonhão construíram um puxadinho atrás. Um fogão de barro, um forno de barro e piso de terra batida. Na frente uma diminuta varanda. Uma cadeira de balanço e

um banco de madeira. Muitos jarros de plantas. Eu amava tudo aquilo. Na varanda dava para ver a horta, pujante, verduras, frutas nascendo sem parar. Tomates, couve, cebolinha, batata doce, alface, pés de mamão, goiaba, taioba que meu marido adorava e muito mais. Nos fundos um chiqueirinho. Limpo, sem cheiro sempre com dois ou três capados no ponto. Mais a frente o galinheiro. Centenas delas. Dava para colher umas três dúzias por dia.

Como a gente era feliz. Sem preocupações das grandes cidades. Durante o dia o passear dos avestruzes, das galinhas d'angola, um ou outro veadinho que passava correndo, passarinhada que escureciam o céu. Na época certa as cigarras faziam a festa. À noite então! Coisa linda! Quando se aninhava em frente a minha casa os vagalumes aos milhares eu apagava o lampião. Não precisava, pois eles davam conta. Um espetáculo digno de ser ver. Nos fins de semana ele me levava para passear de barco no Rio das Velhas até o grotão onde uma pequena cachoeira embeleza o rio cheio de esplendor. Depois a gente descia até à foz do São Francisco. Gente, minha mente mexe comigo ao lembrar. – Marido vamos comer um peixe? – Um pequeno, pois a geladeira a gás está cheia. Carne de porco de vaca até de tatu e capivara tinha. Sempre um cavalo arriado na porta. Sem pestanejar Ele montava e buscar um pintado ou um dourado.

Vovó Lavínia era uma grande amiga. Tinha o apelido de Vovó, mas era da minha idade. Uma Akelá de um grupo Escoteiro da Capital. Nunca se esqueceu da gente. Foi fazer uma visita de uma semana. Ficou lá um mês. Risos. Não sabia que ela conversava com a natureza. Uma tarde ela estava acariciando o pelo de um pequeno veado. Eu a vi conversando com dois avestruzes. Ariscos não deixavam a gente chegar. Nunca tinha visto nada igual. Mas Vovó Lavínia conseguia. Levei o maior susto quando vi uma cobra enorme atrás dela. Gritei para ela correr, ela parou olhou para a cobra que se enrolou toda. Vai dar o bote pensei. Impossível, Vovó Lavínia ficou agachada e parece que falou com a cobra por instantes e ela foi embora. Desculpem é verdade. Uma noite sentados na varanda, filharada dormindo ela pôs os dedos na boca como a pedir silêncio. – Escutem falou baixinho. As estrelas estão cantando no céu. Gente, na fazenda havia o mais belo céu que tinha visto. Bilhões e bilhões de estrelas. Uma via láctea que marcava qualquer um. Fizemos silêncio. Olhávamos para o céu. Um som calmo e refrescante. Se for o cantar das estrelas não sei, mas que era lindo era.

Quando ela foi embora sentimos uma tristeza enorme. Um vazio grande. Tentei várias vezes ouvir as estrelas cantarem. Nunca mais. É eu era mesmo feliz e não sabia. Daria tudo para voltar no tempo. Mas o tempo não para.



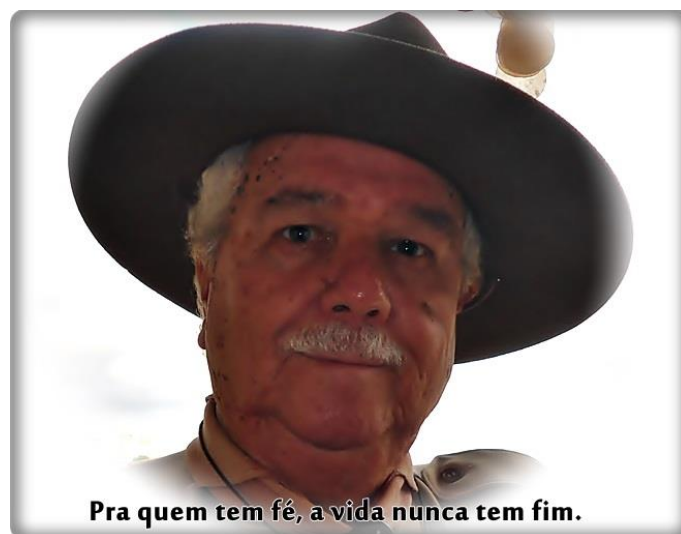


**Chico.**

Noite alta, mineiramente dizendo “Inté, tô indo para minha barraca”, vou dormir. Amanhã quando for para a reunião de sua sessão, não se esqueça destas palavras de Chico Xavier:

- Lembre-se de que você mesmo é o melhor secretário de sua tarefa, o mais eficiente propagandista de seus ideais, a mais clara demonstração de seus princípios, o mais alto padrão do ensino superior que seu espírito abraça e a mensagem viva das elevadas noções que você transmite aos outros. Não se esqueça, igualmente, de que o maior inimigo de suas realizações mais nobres, a completa ou incompleta negação do idealismo sublime que você apregoa, a nota discordante da sinfonia do bem que pretende executar, o arquiteto de suas aflições e o destruidor de suas oportunidades de elevação - é você mesmo.

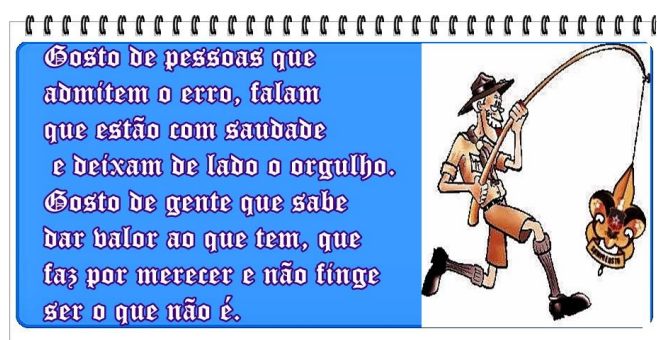
**Boa noite.**



Vado.

- Celia, mais um dia e passei desta. Eu disse. – É marido, foram seis dias. Sempre fico preocupado com estas recaídas. Ainda bem que já está andando e se der tudo certo irá correr a São Silvestre. Olhei para ela e sorri. Pois é meu amor. Adiei de novo minha hora de partir. Pequenas lágrimas apareceram. Um abraço um beijo e um vizinho passante sorriu ao nos ver abraçados. Vários dias acobertados na minha humilde cama de escoteiro. O corpo não ajudava e meu Deus que falta sentia dos amigos tão longe e tão perto muitos dos quais nunca vi e nem cumprimentei. Adoro escrever, de postar, de sentir um breve comentário, uma curtida ou mesmo um compartilhamento. Fiz amigos muitos espalhados por cada rincão deste enorme Brasil e não posso esquecer os de além mar. Eu sabia que o corpo forte e viril do Velho Escoteiro ainda iria enfrentar algumas tempestades e quando elas chegassem seriam para testar minhas raízes. A gente não sabe quão forte somos até que ser forte seja a única escolha.

Não sei quando vou partir, Deus é quem dirá. Faço a minha parte. Vou lutando como posso. Amo demais a Célia e meu único receio é deixá-la só, mesmo sabendo que está escrito nas estrelas que iremos viver juntos por toda a eternidade. Eu sei que sem ela não sou ninguém. Amo demais meus filhos, meus netos e todos aqueles que me querem bem. Eu sempre disse que o importante não é vencer todos os dias, mas lutar sempre e não desistir. Outro dia li uma postagem que me agradou. Dizia – Não tenho medo da morte, não tenho medo do escuro e nem da solidão. Se adoecer aceitar, meu futuro não é meu é Dele que sabe o dia e a hora para onde vou. Não temo o amanhã, mas agradeço a Deus por cada dia que acordo e vejo que a vida continua. Pois é, estou de volta, ainda em recuperação. As crises não tem hora nem lugar, mas enquanto puder estarei falando escrevendo comentando sobre tudo que aprendi na escola da vida. E ainda bem que tenho todos vocês amigos e amigas que moram no meu coração.



Molécula.

Água gelada. Riacho espumante. Pés descalços na água murmurante. Manoel ao meu lado me perguntou sem eu esperar: - Chefe estou me sentindo muito mal por tudo que aconteceu... Perdoa-me? – Assustei. Nunca ninguém me pediu perdão, afinal eu gosto de pessoas que admitem o erro, falam que estão com saudade e deixam de lado o orgulho. Gosto de gente que sabe dar valor ao que tem que faz por merecer e não finge ser o que não é. Não era o caso de Manoel. Simplesmente me pediu para sair. Desistir.

**Achou que ali não era seu lugar. – Chefe ontem eu era inteligente, queria mudar o mundo. Hoje eu sou sábio, estou mudando a mim mesmo. Não consigo me perdoar por ter agido desta maneira com você. Desculpe! – Lembrei-me de Veríssimo. - Para os erros, há perdão. Para os fracassos, chance. Para os amores impossíveis, tempo. Não deixe que a saudade sufoque que a rotina acomode, e que o medo impeça de tentar. Não havia o que perdoar. Abracei Manoel. Admiro pessoas simples de coração... Fortes, mas não arrogantes. Sinceras, mas não ofensivas. Corajosas, mas não inconsequentes. Que cativem uma pessoa de forma pura. Que sorriem com coração e que te olhem com carinho. – Meu Amigo Manoel, eu desejo que seus dias sejam felizes, que suas noites sejam tranquilas e que não lhe falte paz e amor. Seu coração Manoel é Escoteiro hoje, amanhã e sempre!**



**Amor.**

**Eu queria dar uma palavra de carinho. Não sabia o que dizer. Pensei em falar baixinho em seu ouvido: - Vai, e se der medo, vai com medo mesmo. Mas seria isto que ela queria ouvir? Não sou filósofo nem poeta pra dizer que a sua coragem é maior que seu medo e que sua força é tão grande como sua fé. Não temos as ilusões do mundo. Não temos o dom de estar sempre certo. Poderia ter dito para não chorar só porque acabou. Não seria melhor dizer sorria porque aconteceu? Ah se eu fosse Salomão ou Maomé eu poderia dizer: - A dor minha amiga faz você mais forte, o medo faz você mais corajosa e a paciência você mais sábia. Não importa o que decidiu. O importante mesmo é que isso te faça feliz. Afinal você vai ter que aprender que a vida só dá asas a quem não tem medo de cair!**



**Pixulé.**

**O mais altruísta dos amigos que um homem pode ter neste mundo egoísta, aquele que nunca o abandona e nunca mostra ingratidão, é o cão. Vejamos o que disse o ex-Senador George G. West:**

**- Senhores Jurados, o cão permanece com seu dono na prosperidade e na pobreza, na saúde e na doença. Ele dormirá no chão frio, onde os ventos invernais sopram e a neve se lança impetuosamente. Quando só ele estiver ao lado de seu dono, ele beijará a mão que não tem alimento a oferecer, ele lambe as feridas e as dores que aparecem nos encontros com a violência do mundo. Ele guarda o sono de seu pobre dono como se fosse um príncipe.**

**Quando todos os amigos o abandonarem, o cão permanecerá. Quando a riqueza desaparece e a reputação se despedaça, ele é constante em seu amor, como o Sol na sua jornada através do firmamento. Se a fortuna arrasta o dono para o exílio, o desamparo e o desabrigo, o cão fiel pede o privilégio maior de acompanhá-lo, para protegê-lo contra o perigo, para lutar contra seus inimigos. E quando a última cena se apresenta, a morte o leva em seus braços e seu corpo é deixado na laje fria, não importa que todos os amigos sigam seu caminho, lá, ao lado de sua sepultura, se encontrará seu nobre cão, a cabeça entre as patas, os olhos tristes, mas em atenta observação, fé e confiança, mesmo à morte.”**

**Este tributo foi apresentado ao júri pelo ex-Senador George G. West, então advogado, que representou o proprietário de um cão morto propositadamente a tiros pelo vizinho. O fato ocorreu há um século, na cidade de Warrensburg, Missouri, nos Estados Unidos. O Senador ganhou o caso e hoje existe uma estátua do cão na cidade e seu discurso está escrito na entrada do Tribunal de Justiça, ainda existente na cidade.**



### **Um Velho Escoteiro.**

**Hoje é sábado. Poucos aqui para ler meus escritos. A maioria junto à lobada e escoteirada. Uns se divertindo outros sentindo os problemas que estão no ar. Não dá para fugir. Dizer que tudo é alegria tudo é felicidade é enganar ao seu coração. Eu nestes dias preso em minha morada sinto uma saudade enorme de estar com a meninada, cantando, ouvindo, falando e aprendendo com eles. Hoje não dá mais. As pernas não ajudam. O pulmão não me obedece mais. A voz reclama e não quer sair. Fico aqui a escrever e imaginar as centenas de sessões, de lobos, de escoteiros, de seniores das moças e meninas que estão presentes sorrindo por participar de uma fraternidade sem par. Lembrei-me de Mateus – 5 - E com meu coração transbordando de saudades fiz de suas palavras as minhas ao lembrar-se de tempos idos:**

**- Bem aventurados os que são chefes porque poderão sorrir. Bem aventurados os sorrisos dos jovens porque estarão aprendendo a ser alguém. Bem aventurados os que participam do escotismo, porque para eles existe um motivo para viver. Bem aventurados os que cantam, correm saltam e gritam Lobo, porque deles serão os tempos de primavera na Alcatéia de Seeonee... Bem aventurados os que querem bem a todos porque deles serão os reinos dos céus...**

**Sorrindo sem reclamar volto para minha barraca, onde posso me aventurar pelo mundo no meu pequeno computador, escrever o que penso, onde posso levar para os que acreditam uma palavra amiga. Olhando esta telinha branca me transformo em uma aragem que corre pelos fios escondidos até chegar onde meus sonhos querem estar. Sim em uma grande ferradura, Alguém dizendo: - Escoteiros firme a Bandeira em Saudação! Não vou chorar. Por quê? Afinal tive tudo isto por anos a fio. Foi bom enquanto durou e dura até hoje preso em celas iluminadas em cada canto do meu coração. Corro pelas estradas que andei, viajo nos sonhos que participei, entro nas minhas historias que irei contar. Repito a mim mesmo que fazer o bem aos outros a si mesmo o faz. O Escoteiro bom sempre prosperará, aquele que oferece ajuda do saber o conforto receberá.**

**De novo viajo nas minhas escritas. O peito arfante. Nada arrogante. Se não posso ir até a reunião ou acampamento eles vem até mim. Minha mente me supera. Atravessa montanhas inacessíveis. Olha um vale com uma casinha simples, e começo a contar a história de Corisco, um cavalo que enquanto pode ajudou Blanco a ir para as reuniões dos escoteiros. Até que um dia ele viu que estava velho muito Velho e chegou a hora de aposentar. Blanco chorou quando o viu ajoelhar e deitar na relva no meio do**



**caminho. Como ia chegar aos sábados nas reuniões Escoteiras? Perder Corisco, seu amigo de muitos e muitos anos? Preciso pensar em um enredo para criar. O final quem sabe um dia irei contar...**

**Boa tarde desejo de coração que seja um dia feliz para você. Com muitos sorrisos, pense que estarei aí com você em espírito, tentando ajudar no meu Melhor Possível para que possa alcançar o que todos nós esperamos. Formar e forjar homens e mulheres para a grandeza do Brasil!**

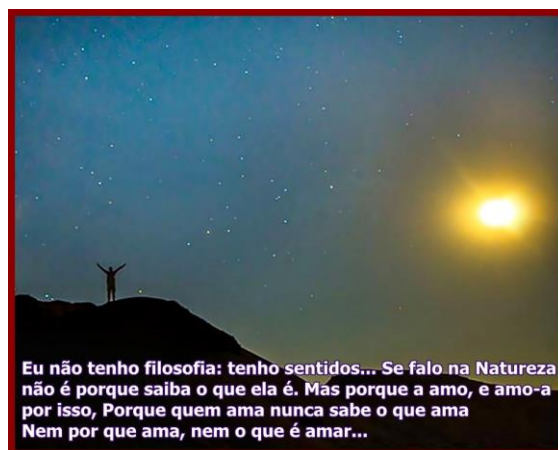
**Desculpe, sábado para mim é meio nostálgico. Dia difícil para escrever. Mas olhe se você está junto à lobada, a escoteirada, com os seniores e guias sei que está feliz. E se você está em também estou. Escrevi por escrever. Velho Escoteiro não tem o que fazer a não ser dizer “bravôo!”. Seja feliz, acredite que você pode ajudar a formar cidadãos e que o Brasil de hoje pode ser outro amanhã!**



**Muriel**

**- Na curva do caminho uma enorme castanheira. Uma sombra que não podia recusar. Olhando o sol inclemente ouvi Muriel dizer: Chefe, as dificuldades preparam pessoas comuns para destinos extraordinários. Não coloque limites em seus sonhos, coloque fé. – Olhei para Muriel e sorri. Tirei o chapéu e aproveitei a sombra para meditar. Pensei nas palavras de Muriel. Eu sabia que algumas pessoas jogam pedras em nosso caminho, mas sabia também que era eu que devia saber o que fazer com elas. – Muriel adivinhando disse: Chefe uma parede ou uma ponte? Olhe, independente do que estiver sentindo, levante-se, vista-se e saia para brilhar! Quer um conselho Chefe? Valorize-se. E terminou dizendo, Chefe, prefira o sorriso, faz bem a você e aos que estão ao seu redor. Dê risadas de tudo até de si mesmo. Não adie alegrias. Sejas feliz hoje!**

**Hora de partir, mochila no costado, chapéu no testão olhei a sombra do castanheiro e vi entre os galhos e folhas Muriel me acenando e dizendo adeus. Lembrei-me do poeta Muriel que sempre dizia: - Chefe que nunca falte um sonho para lutar, um projeto para realizar, algo para aprender, um lugar para ir e alguém para amar...**



**Josiel**

Uma vez se me lembro bem fui acampar em um local maravilhoso. Só nós escoteiros podíamos entrar. Uma imensa mata de eucalipto sendo engolida pela mata Atlântica. Como sempre só. Choveu. Barraca armada. Acordei ainda sem ver o sol despontando. O cheiro me bateu em cheio. O cheiro da terra molhada. Um acampador, um mateiro que pela primeira vez sentia o verdadeiro cheiro da terra molhada. Maravilhoso! Incrivelmente maravilhoso! Voltei lá muitas vezes. Nunca acampeí sozinho em uma praia deserta. Que sons maravilhosos deve se ouvir pelas madrugadas. Quem sabe um Albatroz. O bater de asas de uma gaivota, um trinta-réis ou um atobás. Quem sabe os tesourões gritando no espaço a procura dos seus cardumes desaparecidos. E as ondas batendo forte ou sôfrega nas areias da praia? E o som imperdível dela chegando e voltando com a mare alta? Já ouvi e vi tudo isto, mas não sozinho. No passado escalei montanhas. Senti lá no alto a paz que procurava.

Amei as tempestades e as folhas assustadas que caíam como se fosse no outono. São coisas que deixei para trás. Hoje não posso mais. Mas como em meus sonhos eu volto sempre a Giwell eu também viajo pelo meu passado com as lembranças dos sons da natureza que aprendi a amar e admirar. Não há como esquecer o som de um regato, das grandes cachoeiras com seus peixes coloridos tentando o impossível para a desova. Os peixinhos que pulam a procura de um inseto, no coaxar de um sapinho, do lindo som de uma cascata gigante em uma clareira da floresta ou do bater de asas de papagaios coloridos. Os sons das abelhas e dos beija flores a procura do néctar nas flores, de olhar uma campina verdejante e ver o vento tocar as folhas e o capim, das flores silvestres e elas como se fosse uma onda no mar vão e vem no horizonte. São tantos os sons da natureza que é impossível dizer que Deus não está ali.

Sons, melodias, trinar de pássaros e sorrir de leve para a Coruja Buraqueira com seus enormes olhos olhando para você. Não há como se esquecer da noite do dia, do vermelhão ao nascer e do por do sol. Sons da chuva, da terra molhada, do riacho manso que corre para o mar. Sons das ondas, das gaivotas, dos falcões, dos macacos guinchando nos galhos como se estivessem a rir de nós. Sons das estrelas, da lua, do sol. Sons imperdíveis da nevoa da madrugada. Quantas saudades daqueles dias que o som da natureza me invadia e tomava conta do meu ser. Um som como se estivesse ouvindo melodias nunca antes tocadas por nenhuma orquestra deste mundo. Sons da natureza! Acredito que seja por isto que eu sou feliz, muito!

**“Por entre junco e hera verdejante, correm nascentes de água límpida, se junta à sede da minha alma ímpia, esta cascata pura e refrescante. Já são audíveis os sons da cachoeira num simulacro à magia da natureza Insetos e pássaros voam na certeza, que Deus existe e a fé é verdadeira”.**

**FIM**